

CLIPPING SEMANAL DE MINERAÇÃO 14 a 18 de julho de 2014

(Coordenação: Karen C. Nasser de F. Borges, Ad Hoc Consultores Associados Ltda)

1-14/07/2014

Credit Suisse revisa setores de mineração e de siderurgia

Por **Renato Rostás | De São Paulo**

O Credit Suisse reduziu o preço-alvo para os ADRs - recibos de depósitos de ações negociados em Nova York - da Vale, referentes aos papéis ordinários (ON), de US\$ 17 para US\$ 15. O banco manteve, contudo, a recomendação neutra para a mineradora. A projeção do analista Ivano Westin, que assina o relatório, equivale a um potencial de alta de 8,7%.

Em grande parte, o corte se deu por conta da expectativa menor para o preço do minério de ferro. O Credit acredita que a cotação média neste ano fechará em US\$ 100 por tonelada, mas lembra que cada vez menos investidores do setor projetam preço de três dígitos para a commodity para os próximos 12 meses. A média do segundo semestre é estimada em US\$ 90.

No ano que vem, Westin acredita que o minério atingirá o patamar de US\$ 89 por tonelada, valor que cairia para US\$ 87 em 2016. A recuperação viria apenas em 2017, quando a cotação média do ano seria de US\$ 90 por tonelada, nos cálculos do analista.

A recuperação do real é mais um fator de pressão para os resultados da Vale. Após valorização neste ano ante o dólar, o Credit resolveu reduzir o patamar que prevê para o real na comparação com a moeda americana, de R\$ 2,60 para R\$ 2,45, o que implicaria menores ganhos com exportação do insumo.

"Mas continuamos convencidos de que a administração [da empresa] vá continuar a entregar bons resultados, por conta de expansões em minas e mais rodadas de cortes de custos", destaca o relatório. Westin comenta ainda que provavelmente a maior produtora de minério de ferro do mundo decidirá reduzir seu ritmo de investimentos para manter a disciplina de capital já observada.

No setor de siderurgia, o Credit Suisse cortou o preço-alvo das principais fabricantes de aço. Para as ações PNA da Usiminas, a queda foi de R\$ 15 para R\$ 13, ainda assim uma alta potencial de 55%, enquanto para os papéis PN da Gerdau foi de R\$ 19 para R\$ 16 (valorização potencial de 16,8%) e para os da CSN, de R\$ 12 para R\$ 10 (6,4% abaixo da cotação de sexta-feira).

Além disso, o banco reiterou sua confiança na Usiminas e preferência para o investimento na companhia. Ela é a única entre as siderúrgicas que mantém a recomendação de compra da instituição. As duas concorrentes na bolsa têm indicação neutra pelo banco.

Westin lembra que o segundo trimestre foi ainda pior para as vendas de aço do que já havia sido o início do ano. O setor industrial no Brasil se enfraqueceu, os temores

quanto ao racionamento de energia se mantiveram e o real subiu em relação ao dólar, o que dificultou a competição com os produtos importados, destacou.

No caso da Usiminas, mesmo que a companhia seja afetada pelos problemas que afligem o setor, o atual desempenho das ações traz um bom ponto de entrada, opina o Credit. No acumulado de 2014, os papéis PNA registram forte queda de 41%.

"A empresa é negociada em bolsa a um preço semelhante ao de julho de 2012, apesar de os resultados, as perspectivas e a saúde financeira terem dado uma volta de 180 graus", escreveu o analista. Se a situação em geral da empresa é melhor, Westin alerta para uma leve quebra de expectativas para o balanço do segundo trimestre.

Sobre Gerdau, o banco avalia que a maior parte das más notícias já está incorporada nos preços, e indica que no curto prazo o papel pode vivenciar uma virada. O que deixa a instituição mais otimista é a concentração de esforços da companhia na recuperação das operações nos Estados Unidos.

Para a CSN, o Credit destaca que a recompra de ações pela companhia ajudou a impulsionar o papel, mas o benefício está perto do fim. Assim que o programa terminar, dia 25, a pressão sobre o ativo deve se iniciar, diz o banco. Um dos motivos é expectativa para o balanço do segundo trimestre. A queda nos preços do minério de ferro - a siderúrgica de Benjamin Steinbruch é a que mais produz o insumo dentre as rivais - e um mix piorado de aço nas vendas provavelmente vão pesar sobre o resultado, opina Westin.

2-14/07/2014

Vale reduzirá investimentos para US\$ 5,8 bilhões em 2018

Para 2014, estimativa é de US\$ 13,8 bi. Empresa estuda quatro novos projetos de minério de ferro em Minas Gerais

RIO - A Vale deve reduzir investimentos para US\$ 5,8 bilhões em 2018, ante os US\$ 13,8 bilhões estimados para este ano, informou a empresa a analistas de mercado em teleconferência realizada nesta sexta-feira. Após 2018, a mineradora prevê crescimento dos investimentos, que devem ficar na faixa de US\$ 8 bilhões a US\$ 10 bilhões ao ano. As cifras se referem tanto a recursos em execução de projetos como em manutenção das operações existentes.

Entre 2014 e 2018, a redução ocorre principalmente devido à desaceleração dos investimentos em projetos em execução. Nesse período, eles passarão de US\$ 9,3 bilhões a US\$ 700 milhões. O projeto de expansão de Carajás (PA), batizado de S11D, é o que consumirá a maior parte desses recursos, com pico em 2015.

O S11D é a grande aposta da Vale para elevar sua produção de minério de ferro. Sua capacidade de produção será de 90 milhões de toneladas por ano. Em 2013, a produção da companhia foi de 299,7 milhões de toneladas. A previsão é que o projeto inicie operação no segundo semestre de 2016.

Mês passado, a cotação do minério de ferro caiu a US\$ 89 a tonelada no mercado spot (à vista) chinês, menor patamar em quase dois anos, o que acendeu o sinal amarelo no mercado. Mas a projeção de muitos analistas é que a média do ano fique acima de US\$ 100.

RESULTADO SERÁ DIVULGADO NO FIM DO MÊS

A teleconferência convocada pela Vale visava justamente a dar um panorama da empresa e a tirar dúvidas quanto aos possíveis impactos da oscilação da cotação no desempenho financeiro da empresa. Ela divulga o resultado do terceiro trimestre em 31 de julho.

A Vale também informou aos analistas que estuda quatro novos projetos de minério de ferro em Minas Gerais (Fábrica, Jangada, Mariana e ITM S Pico). Juntos, eles terão capacidade para 95 milhões de toneladas por ano. Esses projetos ainda não foram aprovados pelo Conselho de Administração.

Fonte: O Globo

3-14/07/2014

PERU SERÁ O SEGUNDO MAIOR PRODUTOR DE COBRE EM DOIS ANOS

Em apenas dois anos o Peru irá duplicar a sua produção anual de cobre. Para que esse enorme crescimento ocorra o país andino terá que produzir 1,4 milhões de toneladas a mais em 2016, tornando-se o segundo maior produtor do planeta atrás, apenas, do vizinho Chile.

São várias minas de cobre gigantes como Las Bambas, Constância, Toromocho e a ampliação de Serro Verde, que ao entrar em produção irão impulsionar a indústria peruana.

Em 2016, segundo o Ministro de Minas peruano, o país vai produzir 2,8 milhões de toneladas de cobre. Com esse feito o Peru passa os Estados Unidos (1,15Mt) e fica atrás do Chile que produziu, em 2013, 5,79 milhões de toneladas de cobre.

Fonte: Site Geólogo

4-14/07/2014

MINERADORA AUSTRALIANA INVESTE R\$ 600 MILHÕES EM ITABIRITO

A South American Ferro Metals Limited (SAFM), listada na Bolsa de Valores da Austrália, deverá ampliar sua produção de minério de ferro em Itabirito, na região Central, mediante investimentos de R\$ 600 milhões entre 2015 e 2017 na mina Ponto Verde.

A empresa também assinou um memorando de entendimento com o proprietário do terreno adjacente às suas operações, o que permitirá à companhia lavrar maior quantidade do insumo. Além disso, a companhia está próxima de concluir o estudo de viabilidade de expansão da mina.

A divisão dos lucros provenientes de uma eventual produção da lavra na área que faz parte do acordo, denominada Sapecado Sul, ainda será discutida com o proprietário, conforme confirmou o diretor comercial da mineradora, Eduardo Freitas. “Os dividendos serão discutidos depois. O acordo vai proporcionar o aumento da reserva de mina e do limite de lavra”, disse.

Conforme comunicado divulgado na Bolsa de Valores da Austrália, a companhia afirma que está realizando o estudo de viabilidade para a expansão da mina Ponto Verde, em Itabirito, das atuais 1,5 milhão de toneladas de minério de ferro por ano licenciadas para 8 milhões de toneladas anuais. A projeção é que o estudo seja concluído no terceiro trimestre deste ano.

Financiamento

Em maio deste ano, em outro comunicado divulgado através da bolsa da Austrália, a empresa informou que firmou um acordo com o governo de Minas, por meio do qual o Executivo se propõe, através do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG), a dar total apoio na obtenção de financiamentos para investimento e capital de giro relativos ao projeto de expansão de Ponto Verde.

Além disso, o governo de Minas se propôs, de acordo com as informações do relatório da empresa, a fazer concessões fiscais relativas ao Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS), visando redução de custos operacionais, que, segundo a companhia, devem somar entre US\$ 30 milhões e US\$ 35 milhões ao longo dos três primeiros anos de expansão.

O governo de Minas também irá prestar apoio e assistência no processo de licenciamento operacional. Por outro lado, a SAFM se comprometeu a investir R\$ 600 milhões entre 2015 e 2017, além de gerar 500 vagas de emprego direto até 2017. A empresa também favorecerá a contratação de fornecedores e trabalhadores locais durante a expansão.

O acordo com o Executivo ainda prevê que a SAFM deve atingir uma produção de 4 milhões de toneladas de minério de ferro já beneficiado até junho de 2019. Além disso, a projeção é que o faturamento da empresa chegue a R\$ 360 milhões no terceiro ano de operação.

A mina Ponto Verde está localizada próxima às operações de mineradoras, como a Vale S/A, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e a Ferrous Resources, além de guseiros e siderúrgicas. A produção, conforme informa a empresa em seu site, é comercializada com produtores locais de aço, mas a companhia avalia oportunidades para exportação do insumo.

Ainda de acordo com informações da empresa, a reserva da mina Ponto Verde é de 230,6 milhões de toneladas de minério de ferro, com teor de ferro de 44,52%, o que inclui 60,6 milhões de toneladas de recurso e 170 milhões de toneladas de recursos inferidos. O objetivo aponta para a exploração de 300 a 350 milhões de toneladas de minério, com teor variando entre 40% a 44%, podendo ser enriquecido até 60%.

A jazida foi adquirida pela SAFM da empresa Ponto Verde Mineração Ltda. A vida útil do empreendimento, considerando a escala de produção atual de 1,5 milhão de toneladas anuais é da ordem de 16 anos. A área da mina está situada no distrito Fazenda Retiro Novo.

Fonte: Diário do Comércio

5-14/07/2014

FERROVIA TRANSNORDESTINA CONSEGUE MAIS R\$ 1,2 BI PARA CONSTRUÇÃO

O Ministério da Fazenda aprovou o pedido da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) de contratação de um aditivo de R\$ 1,204 bilhão do Fundo de Desenvolvimento do Nordeste (FDNE) para o projeto de construção da ferrovia Transnordestina. O projeto pode beneficiar diversas mineradoras.

A suplementação de recursos se dará mediante a emissão de debêntures, conforme despacho assinado no dia 9 de julho pelo ministro interino da Fazenda, Paulo Rogério Caffarelli, e publicado no último dia 11 no Diário Oficial da União, na forma da Portaria 285.

O projeto da Transnordestina Logística liga o município de Eliseu Martins (PI) e áreas aos Portos de Suape (PE) e Pecém (CE).

Ao todo, serão 2.304 quilômetros de ferrovia passando por 81 municípios, sendo 19 no Piauí, 28 no Ceará e 34 em Pernambuco. O foco do projeto é o transporte de carga de grãos, minérios, combustíveis e insumos agrícolas.

Entre os empreendimentos de mineração que podem se beneficiar com a nova ferrovia estão o projeto de minério de ferro Planalto, da Bemisa, em Paulistana (PI), e o projeto de minério de ferro Borborema, da Latin Resources, no Rio Grande do Norte.

O projeto da Bemisa, que fica a seis quilômetros da linha da Transnordestina, está em fase de implantação e visa produzir 15 milhões de toneladas por ano. O projeto da Latin Resources fica entre duas empresas de minério de ferro em operação a Mhag e a Susa, da Zamin. Todas terão o acesso ao porto melhorado com o avanço da Transnordestina.

Outra atividade mineral que pode se beneficiar com a chegada da Transnordestina é a produção de gipsita no interior de Pernambuco.

Segundo informações da Sudene, a ferrovia conta com investimentos totais de R\$ 5,3 bilhões, com participação de R\$ 2,6 bilhões do FNDE, ou seja, 50% do empreendimento. A Sudene já liberou recursos de R\$ 1,4 bilhão, o equivalente a 56% dos recursos alocados ao projeto. Com informações da agência Estado.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

6-14/07/2014

PÚBLICO PODERÁ SABER MAIS SOBRE MINERAÇÃO

Visitantes da Exposição Agropecuária de Marabá (Expoama) poderão conhecer este ano, no estande da Vale, uma das patrocinadoras do evento, um pouco mais sobre a prática da mineração sustentável, a importância dos minérios no dia a dia das pessoas e os principais projetos da empresa no município.

Por meio da tecnologia de equipamentos multimídia, os visitantes poderão acessar ainda informações sobre a unidade do Salobo e os investimentos na logística de transporte da ferrovia Carajás. A abertura oficial do evento ocorreu no último sábado.

Dados sobre a ecoeficiência empregada pela Vale em seus empreendimentos e as medidas para a conservação da biodiversidade poderão ser conhecidos em totens interativos durante a feira. Assim como informações sobre os projetos de Expansão da Estrada de Ferro Carajás e o S11D, a ferrovia Carajás e o trem de passageiros também poderão ser acessados.

Sobre o Salobo, o visitante poderá conferir informações sobre sua atuação sustentável e principais investimentos ambientais. O Salobo é o maior projeto de cobre da Vale e sua mina está localizada em Marabá, a 260 Km da sede do município. O empreendimento opera dentro da unidade de conservação Floresta Nacional Itapirapé-Aquiri, patrimônio natural, que a Vale ajuda a proteger.

Expomada

Há seis anos, a Expoama conta com a parceria da Vale. O evento está entre as maiores vitrines do agronegócio do Pará. A expectativa é receber cerca de 400 mil visitantes nos nove dias de feira, que acontece de 12 a 20, no Parque de Exposições de Marabá.

Fonte: Diário do Pará

7-15/07/2014

Vale criará índice de preços de Carajás
Por **Francisco Góes | Do Rio**

A Vale quer capturar o real valor do minério de ferro de alta qualidade produzido pela empresa. Com esse objetivo, a mineradora pretende criar um índice para precificar o minério de Carajás com maior teor de ferro. O índice está sendo chamado pela Vale de IOCJ 65%. "A Vale espera fornecer liquidez ao índice IOCJ 65% gerando credibilidade e transparência à referência de preços", afirmou a empresa em uma apresentação para analistas de bancos e corretoras feita, na sexta-feira, no Rio, pelo diretor-executivo de finanças da companhia, Luciano Siani.

Hoje a principal referência de preços para o minério de ferro vendido no mercado internacional é o Platts Iron Ore Index (Iodex). Esse índice se baseia em especificação padrão para os finos de minério com teor de ferro de 62%. O Iodex divulga diariamente prêmios que são pagos de acordo com pontos percentuais adicionais de teor de ferro. Esse prêmio situava-se, ontem, na faixa de US\$ 1,75 por tonelada, mas já foi bem maior. Também são aplicados descontos para minérios com menor teor de ferro.

Com base nesses números, um minério de ferro com teor 65% teria um prêmio de US\$ 5,25 por tonelada sobre o Iodex 62%. Mas em um mercado em que prevaleça no futuro o minério de ferro de maior qualidade, como o de Carajás, a Vale conseguiria assegurar prêmios ainda maiores pelo seu produto, segundo analistas ouvidos pelo **Valor** e que participaram do encontro com Siani, na sexta. Hoje o mercado tem oferta de produtos de menor qualidade, o que significa um desconto maior para minérios de menor teor de ferro.

"O aumento da oferta com baixo teor [58% de ferro] aliado a pressões ambientais vai fazer com que o prêmio do minério com maior concentração seja maior", disse a Vale na apresentação aos analistas. O **Valor** enviou perguntas à empresa tentando detalhar a proposta do IOCJ 65%, mas não teve retorno até o fechamento desta edição. A avaliação de mercado é que a ideia é "incipiente". Um analista disse que é preciso avaliar o que faz um índice ser referência de mercado. Depende de vários fatores como liquidez, participação de vários agentes e da existência de garantias para evitar eventuais riscos de manipulação, apontou.

Um analista disse que existem duas tendências que deveriam levar a um prêmio maior para minérios de alta qualidade. Há expansões de minas na Austrália de produtos de mais baixa qualidade e, ao mesmo tempo, pressões da China para reduzir a poluição. Com minério de ferro de maior qualidade, pode se usar menos carvão nos altos fornos das siderúrgicas, o que gera menos emissões de gases, afirmou.

Na apresentação, a Vale disse que o aumento esperado na qualidade do seu produto vai representar valor adicional ao minério de ferro produzido pela companhia. Esse valor irá variar dependendo do prêmio associado ao teor de ferro, afirmou a empresa.

De acordo com as informações divulgadas na apresentação, a Corretora Itaú BBA divulgou relatório no qual afirma que, em média, o minério de maior qualidade da Vale deve atingir um teor de ferro de 65% em 2018 - ante os 64% atuais. O aumento do

percentual se relaciona com investimentos na Serra Sul de Carajás (mais 90 milhões de toneladas por ano) e em Minas Gerais (mais 26 milhões de toneladas por ano). Esse acréscimo de um ponto percentual no teor de ferro no minério de maior qualidade poderá se traduzir em US\$ 1 bilhão adicional de lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) para a companhia a partir de 2018.

8-15/07/2014

Prumo tem maior contrato de crédito do BNDES no ano

Por **Fábio Pupo** | De São Paulo

A Prumo Logística (ex-LLX) figura no topo do ranking dos maiores empréstimos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) neste ano, de acordo com balanço divulgado nos últimos dias pela instituição. O montante de R\$ 1,8 bilhão, contratado em fevereiro, reforça a política da instituição de dar prioridade a infraestrutura. Mas o mercado e o próprio banco veem o financiamento dos investimentos no setor como um desafio nos próximos anos.

A campeã Prumo faz as obras de implantação do porto de Açú, no município de São João da Barra (RJ), dedicado à movimentação de cargas gerais (carvão mineral, produtos siderúrgicos, granito e contêineres) e a serviços de logística para o setor de óleo e gás na Bacia de Campos.

O empréstimo do BNDES aprovado para a Prumo se divide entre R\$ 900 milhões de dívida nova e outros R\$ 900 milhões destinados a uma renegociação de empréstimo detido anteriormente por um banco privado.

Ao todo, a Prumo contratou com o BNDES R\$ 2,3 bilhões de empréstimo-ponte com garantia dos bancos Bradesco e Santander. Além disso, emitiu R\$ 750 milhões em debêntures, distribuídas pela Caixa Econômica Federal (CEF). Outros R\$ 2 bilhões são capital próprio (chamado de "equity"). Segundo a Prumo, o montante de empréstimos se justifica pelo porto ser "um dos maiores empreendimentos de infraestrutura em execução no país atualmente".

O novo empréstimo do BNDES vem após mudança de controle. Antes, a empresa era comandada pelo empresário Eike Batista, cujo conglomerado (o EBX) recebeu vários empréstimos do banco de fomento nos últimos anos - o que chegou a ser alvo de críticas do mercado. Hoje, o grupo americano EIG controla a Prumo (com 52% do capital) e Batista tem uma fatia minoritária de 11,6% da companhia.

A expectativa da Prumo é que os investimentos sejam terminados em maio de 2015, mas a operação já está ocorrendo com autorizações pontuais. "Esperamos, dentro de

algumas semanas, obter todas as autorizações necessárias para o início da operação", diz nota enviada pela assessoria de imprensa da Prumo. Nove empresas já assinaram contrato para instalação no Açú - entre elas, Anglo American, BP e GE.

Além da Prumo, outros exemplos contribuem para a força da infraestrutura na carteira do BNDES. Dos 15 maiores contratos do banco no ano (a análise se baseia no relatório mais recente disponível, sobre o primeiro trimestre), nove estão relacionados ao setor. Entre os responsáveis por influenciar os números, estão as recentes concessões em logística.

O segundo colocado no ranking do BNDES é o aeroporto de Viracopos, em Campinas. Foram dois contratos que somam R\$ 1,5 bilhão. Outra concessionária, a do aeroporto de Brasília, obteve quase R\$ 800 milhões para as obras de expansão. Ainda foram contempladas a concessionária da BR-101 no Espírito Santo e parte da Bahia (controlada pela EcoRodovias), que conseguiu R\$ 267 milhões, e a concessionária de ferrovias MRS Logística (com R\$ 114 milhões).

O peso maior da infraestrutura na carteira do banco no começo deste ano é uma tendência iniciada há cerca de três anos. Em 2010, por exemplo, a indústria tinha 47% de participação nos desembolsos, contra 31% da infraestrutura. Neste ano (dados até abril, os mais recentes), o cenário está invertido: a infraestrutura tem 37% de participação nos desembolsos, enquanto a indústria, 26%.

Claudio Frischtak, fundador da Inter.B Consultoria Internacional de Negócios, vê como um movimento natural o fato de a infraestrutura ocupar mais espaço no cenário do banco - o que pode ser explicado também por uma baixa demanda de crédito da indústria. "A indústria está indo mal e o setor de comércio e serviços também não está 'bombando'. O que está acontecendo de maneira mais significativa são as obras de infraestrutura, impulsionada também por conta da Copa", diz.

Apesar de ainda haver crescimento de desembolso neste ano em relação a um ano antes, a preocupação do mercado com a falta de fôlego do banco continua. "Eu sou um pouco cético no ritmo de o banco sustentar esse desembolso. A grande questão é se é sustentável. Acho que o problema maior será em 2015, por causa do progressivo deterioração da situação fiscal do país", diz Frischtak. O economista se refere à preocupação sobre as contas públicas do país, já que o Tesouro Nacional tem feito repasses ao BNDES para garantir a liquidez da instituição.

Recentemente, foram mais R\$ 30 bilhões repassados. Segundo Claudio Leal, superintendente de planejamento do BNDES, o montante foi "fundamental" para dar tranquilidade ao banco frente aos investimentos.

Leal afirma que é um desafio o volume de investimentos exigido pelas obras de infraestrutura no país, impulsionado pelas concessões. "É um desafio inclusive para o

país. É preciso mecanismos alternativos e o desenvolvimento do mercado de capitais", diz.

Apesar de haver prioridade ao setor de infraestrutura, Leal esclarece que essa política se refere a melhores condições de apoio, como em maiores níveis de participação no financiamento, mais prazo e menos custos. "Jamais haveria uma opção do banco de reduzir empréstimo para a indústria, que é algo tão importante", diz.

Para Leal, a redução dos desembolsos para indústria reflete o momento econômico da atividade privada. "Os projetos de infraestrutura são definidos muito pelo calendário de licitações. Então o ritmo parte de definições regulatórias, ao contrário da definição privada da indústria de investir."

9-15/07/2014

LAVRANDO DIAMANTES NO FUNDO DO OCEANO

A Namdeb Diamond Corp, uma JV entre a De Beers e o Governo da Namíbia é a maior produtora de diamantes de alta qualidade extraídos do fundo do mar. A empresa opera na costa da Namíbia e produziu em 2013, 1,76 milhões de quilates, uma das grandes fontes de renda do Governo da Namíbia.

A lavra dos diamantes do leito marinho só se consolidou quando o americano Sammy Collins fundou a Marine Diamond Corporation no final dos anos 50. Esta empresa lavrou, com sucesso, diamantes no leito marinho, abaixo de 20 metros de lâmina d'água. A partir deste momento a operação se expandiu e mais de 95 milhões de quilates foram lavrados nas mais diversas profundidades, inclusive abaixo de 140m.

Com o tempo a operação submarina superou a terrestre e tornou a De Beers na maior produtora de diamantes do leito oceânico.

No momento a Namdeb está criando as bases para uma operação mineira que a levará até 2050.

Este projeto deverá usar novas tecnologias que permitirão a extração de diamantes nos mais variados locais do leito marinho incluindo locais de difícil acesso. Calcula-se que existam bilhões de quilates de diamantes depositados no leito do Atlântico, que foram transportados pelos rios do continente Sul-Africano.

Fonte: Geólogo

10-15/07/2014

China aprova contratos de swap para minério de ferro e carvão, dizem fontes



PEQUIM/XANGAI (Reuters) - O banco central da China aprovou o lançamento dos primeiros contratos de swap de minério de ferro e carvão térmico, disseram duas fontes da indústria nesta segunda-feira, dando a agentes do setor ferramentas de proteção contra o risco de preços voláteis.

A China é o maior consumidor global de minério de ferro e carvão.

O lançamento dos dois contratos de swap é o mais recente esforço do país para ganhar influência sobre a precificação destas commodities.

O movimento pode ameaçar os contratos de swaps com liquidação financeira negociados na bolsa de Cingapura e pelo CME Group .

Os novos contratos serão precificados em iuan, com compensação na Shanghai Clearing House, disseram duas fontes da indústria familiarizados com o assunto.

"Os dois contratos serão lançados em breve e ambos ao mesmo tempo", disse uma das fontes, que pediu para não ser identificada porque não está autorizada a falar com a imprensa.

Representantes do banco central da China não foram encontrados para comentar.

O contrato de swap é um derivativo com liquidação financeira entre um vendedor e um comprador, com um preço fixado por um determinado período de tempo, que oferece garantia de preço para as duas partes.

(Por Coco Li e Faye Wong)

11-15/07/2014

Mineração de nióbio e fosfato triplica o PIB de Araxá em uma década

Nesta cidade do Alto Paranaíba, com menos de 100 mil moradores, fincaram endereços gigantes da mineração. Do solo rico do pacato e charmoso município saem minérios fosfatados direcionados ao agronegócio e nióbio, metal raro utilizado para a produção de ligas especiais, como aços resistentes a altas temperaturas para uso em turbinas de aviões e naves espaciais. Riquezas que se traduzem em emprego e renda para a população e o comércio local.

Terra de Dona Beja e de fontes de águas termais, Araxá, tema da sétima matéria da série de reportagens sobre cidades mineradoras, publicada aos domingos pelo Hoje em Dia, assiste a um salto na sua economia. Puxado pelo motor da mineração, em uma década, o Produto Interno Bruto (PIB) subiu de R\$ 810 milhões, em 2001, para R\$ 2,8 bilhões, em 2011.

As cifras provenientes da Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (Cfem) também impressionam, com crescimento de 53% entre 2012 e 2013. Só até junho deste ano, o imposto somou aos cofres municipais R\$ 3,57 milhões.

Grande parte dos recursos é proveniente das atividades da Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração (CBMM), o mais importante fornecedor de nióbio do mundo, com aproximadamente 95% da produção universal. Com seis décadas de exploração, estima-se um potencial de extração do minério raro por pelo menos mais 200 anos.

Paralelamente, a companhia desenvolve uma tecnologia para a concentração de terras-raras (grupo de elementos químicos) presentes na monazita, mineral contido no minério utilizado pela CBMM em Araxá. Mais de R\$ 60 milhões foram investidos no projeto, e potenciais consumidores internacionais já manifestaram interesse pelo produto. Hoje, a companhia conta com cerca de 1.800 funcionários.

Outra grande mineradora em Araxá é a Vale Fertilizantes, que emprega atualmente 2.300 profissionais entre quadro próprio e terceiros. Juntas, a empresa e a CBMM alavancam uma cadeia de empresas prestadoras de serviços, responsáveis por 70% da arrecadação de ISSQN.

“Podemos dizer que a cidade é quase uma ilha no meio da baixa produtividade econômica do país”, diz o presidente da Associação Comercial e Industrial de Araxá (ACIA), Marcio Antonio Farid.

Na Park Idiomas, mais de 40% dos alunos são funcionários ou familiares de trabalhadores que ganham a vida nas mineradoras. “Começamos em 2011, com 47 estudantes. Hoje, 550 aprendem inglês conosco”, comemora a proprietária e professora da escola, Beth Abdanur.

Levados pela mineração, profissionais que visitam Araxá também dificilmente resistem aos doces e compotas de frutas. Dos tachos da fábrica Dona Joaninha, a mais tradicional da cidade, saem iguarias suficientes para preencher três mil vidros por mês. “Quase 90% da nossa clientela são provenientes do turismo de negócios”, afirma o empresário Luiz Augusto Nunes, filho da Dona Joaninha.

Parque tecnológico receberá R\$ 40 milhões

Para agregar valor à riqueza extraída em solo araxaense e desenvolver tecnologia a partir do fosfato, nióbio e terras raras, principais matérias-primas da região, até o início de 2015 será implantada no município a Cidade Internacional da Inovação e Tecnologia de Araxá (Ciitat).

O objetivo é abrigar incubadoras e empresas para a realização de intercâmbios entre estudantes, professores e demais profissionais ligados a universidades e centros internacionais de pesquisas. Universidad Pontificia de Salamanca, Universidade de Coimbra, Colorado School of Mines e Worcester State University, em Massachusetts, são potenciais parceiras, segundo o secretário municipal de Planejamento e Gestão, Alex Ribeiro Gomes.

A sede do parque tecnológico será o antigo Hotel Colombo, construído em estilo art déco em 1926. Com uma área de 12 mil metros quadrados, o local onde durante 22 anos funcionou um cassino receberá cursos de pós-graduação e servirá de residência internacional estudantil, residência de docentes estrangeiros, projetos de pesquisa, seminários internacionais e para o setor administrativo.

“O dinheiro para a obra, estimada em R\$ 10,3 milhões, já está garantido”, afirma o secretário. Em uma área de 168 hectares, localizada às margens da BR-262, ficarão as empresas. Todo o projeto é orçado em aproximadamente R\$ 40 milhões.

“O Brasil exporta nióbio e fosfato. Lá fora, essas matérias-primas são transformadas em produtos com valor agregado por empresas que vendem para a gente de novo. Com o parque tecnológico, queremos quebrar esse ciclo e gerar mais renda e emprego aqui”, diz Alex Ribeiro.

Até o início de 2015, também estará em funcionamento em Araxá o novo campus da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Entre os novos cursos estão Engenharia Civil e de Minas, Letras e Hotelaria. “Com isso, mais araxaenses poderão permanecer na cidade”, ressalta.

Turismo de negócios cresceu 18% em 2013

O turismo também pega carona na mineração. Graças à realização de congressos, feiras, seminários e festivais, o número de eventos em Araxá cresceu 18% em 2013, na comparação com 2012. Segundo a Secretaria Municipal de Turismo, a taxa média anual de ocupação da rede hoteleira, composta por 2.775 leitos, é de 67%.

“Poderia ser melhor, mas estamos conseguindo captar eventos, muitos deles com patrocínio das mineradoras, caso do Encontro de Carros Antigos, que é um sucesso”, diz a turismóloga da pasta, Fernanda Araújo.

Termas de Araxá

Principal empreendimento do setor hoteleiro, o Tauá Grande Hotel e Termas de Araxá também vê aumentar em 10% ao ano a quantidade de eventos realizados nas suas dependências. Na alta temporada, a lotação é máxima. Durante o restante do ano, porém, a ocupação dos quartos cai para 38%.

Para receber bem o hóspede, que tem à disposição a água da fonte do rejuvenescimento onde Dona Beja se banhava, sauna seca e úmida e ducha escocesa, 248 funcionários formam a equipe. As demais atividades, como banho de lama negra (R\$ 90) e vinhoterapia (R\$ 240), são pagas e abertas aos visitantes.

Com um arrendamento de 15 anos, renováveis, a rede Tauá quer retomar os tempos áureos do hotel, que chegou a ficar fechado e só foi reaberto em 2001. Atualmente, o piso dos apartamentos é reformado e passarelas de todos os andares estão sendo trocadas. O investimento não foi revelado.

Fonte: Hoje em Dia

12-15/07/2014

MINERAÇÃO SUSTENTÁVEL É TEMA DO PRÊMIO HAMILTON PINHEIRO DE JORNALISMO

As inscrições para a segunda edição do Prêmio Hamilton Pinheiro de Jornalismo estão abertas até o dia 31 de outubro, no site www.simineral.org.br. O prêmio contempla trabalhos nas categorias de Jornalismo Impresso, Radiojornalismo, Telejornalismo,

Webjornalismo e Revista Especializada, com abordagem no desenvolvimento da mineração.

O concurso foi lançado pelo Sindicato das Indústrias Minerárias do Estado do Pará (Simineral), em parceria com o Sindicato dos Jornalistas do Pará (Sinjor-PA), com o tema “Mineração sustentável. Um legado para a nossa gente”.

A soma das premiações atinge R\$ 20 mil, sendo R\$ 3 mil para cada categoria e R\$ 5 mil para o Grande Prêmio Hamilton Pinheiro, que contemplará o jornalista destaque na imprensa paraense.

Fonte: Guiart.com

13-15/07/2014

Minério de ferro atinge máxima de 7 semanas com medidas de estímulo na China



CINGAPURA (Reuters) - O minério de ferro no mercado à vista da China e os contratos futuros do aço atingiram suas máximas de sete semanas nesta segunda-feira com a expectativa de uma demanda mais firme no país, devido a maiores gastos com infraestrutura e moradias de baixo custo.

O minério com teor de 62 por cento de ferro, uma referência para o mercado, atingiu 97,90 dólares por tonelada, ampliando a recuperação após atingir a mínima de 21 meses, a 89 dólares, em meados de junho, segundo dados do Steel Index.

A China vem acelerando as medidas para estimular sua economia, que cresceu 7,4 por cento no primeiro trimestre deste ano, menor ritmo em seis trimestres.

A China finalizou a construção de 2,8 milhões de moradias para população de baixa renda até o momento este ano, enquanto foi iniciada a construção de outras 5,3 milhões de unidades, do total de 7 milhões planejadas, sinalizou o Standard Bank em uma nota.

Pequim também aprovou 44 dos 64 projetos de novas ferrovias planejadas para este ano, devendo aprovar o resto até o final de agosto, disse o Standard Bank.

O contrato de vergalhão de aço mais negociado na bolsa de Xangai com vencimento em janeiro tocou a máxima da sessão a 3.154 iuanes (510 dólares) por toneladas, maior patamar desde 28 de maio. O contrato fechou com alta de 0,8 por cento, a 3.146 iuanes.

A melhoria na demanda por aço, uma queda na produção chinesa de minério de ferro e uma pausa na expansão da capacidade de produção de minério fora da China deverão manter os preços entre 90 e 110 dólares por toneladas durante o segundo semestre de 2014, disseram analistas do Citigroup em um relatório.

"Os preços deverão então cair de novo em 2015, com um aumento da oferta do Brasil e da Austrália", disseram. O Citi estima que o preço do minério de ferro deverá ficar em 90 dólares na média no ano que vem.

(Por Manolo Serapio Jr.)

14-15/07/2014

Governo da China vai auxiliar mineradores de terras-raras

A China produz mais de 90% dos terras-raras, elementos fundamentais na moderna indústria eletrônica. No entanto a forma como esses elementos são lavrados é primitiva e ambientalmente prejudicial. A maioria das minas são, na realidade, garimpos onde os terras-raras são lavrados sem nenhum respeito ao homem ou ao meio ambiente.

A partir de agora o Governo Chinês irá oferecer subsídios aos produtores de TR para que esses possam melhorar a tecnologia de extração e processamento. Aqueles que conseguirem lavar e processar dentro das novas normas ambientais e tecnológicas receberão prêmios e incentivos.

O incentivo do governo será importantíssimo para revolucionar o segmento. Qualquer projeto que implique em avanço tecnológico receberá um subsídio de até 40% de seus custos.

A China está em uma situação delicada. Ela é a maior produtora dos terras-raras, mas como não detém as patentes, que são grandes fontes de renda, ela passa a ser apenas uma produtora de produtos sem grande valor agregado. Essas patentes são controladas, principalmente pelo Japão e Estados Unidos.

Um bom exemplo são as lâmpadas fluorescentes que usa um pó de terras-raras. A China é responsável pela produção de 80% dessas lâmpadas, mas mesmo assim, não consegue controlar os preços, pois quem os controla são os donos das patentes.

Torna-se fundamental que o país de um salto tecnológico que possa criar e desenvolver novos usos para os TR.

Fonte: www.geologo.com.br

15-15/07/2014

EXPORTAÇÕES DE MINÉRIO DE FERRO CRESCERAM 11% ATÉ MAIO

As exportações de minério de ferro da Vale, Samarco e MMX aumentaram para 115,56 milhões de toneladas métricas nos cinco primeiros meses do ano, um crescimento de 11,2% em relação ao mesmo período em 2013. Os dados são de relatório publicado pelo Sindicato Nacional da Indústria da Extração do Ferro e Metais Básicos (Sinferbase). As exportações brasileiras totais de minério de ferro foram de 127,1 milhões de toneladas até maio.

Vale, Samarco e MMX exportaram, juntas, 26,93 milhões de toneladas métricas de minério de ferro em maio deste ano, um aumento de 15,7% em relação às 23,27 milhões de toneladas métricas exportadas no mesmo mês em 2013.

As exportações de minério de ferro da Vale aumentaram 15,4% de janeiro a maio de 2014 na comparação com o mesmo período em 2013. A mineradora embarcou 106,89 milhões de toneladas métricas contra 92,59 milhões de toneladas métricas do ano passado.

Em maio deste ano, a Vale exportou 24,71 milhões de toneladas métricas de minério de ferro. O volume representa um aumento de 17% na relação com maio do ano passado, quando foram exportadas 21,12 milhões de toneladas métricas da commodity.

As vendas de minério de ferro da MMX no mercado interno tiveram aumento de 66% de janeiro a maio de 2014 na relação com o mesmo período no ano passado. A mineradora exportou 607 mil toneladas métricas neste ano contra 1,58 milhão de toneladas em 2013.

Na comparação entre maio de 2014 e maio de 2013, houve crescimento de 32,5% nas exportações da MMX. A mineradora exportou 542 mil toneladas métricas de minério de ferro em maio de 2014 contra 409 mil em maio do ano passado.

Vale e Samarco exportaram 18,01 milhões de toneladas métricas de pelotas nos cinco primeiros meses do ano. Uma variação de 3% em relação às 18,58 milhões de toneladas no mesmo período em 2013.

Do total de pelotas exportado pelas empresas associadas em 2014 até maio, a Vale foi responsável por 10,30 milhões de toneladas, registrando aumento de 1,1% em relação ao período de janeiro a maio de 2013.

A Samarco vendeu 1,35 milhão de toneladas métricas de minério de ferro para o mercado nacional nos cinco primeiros meses de 2014, crescimento de 66,2% em relação a 2013.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

16-15/07/2014

Barrick vai produzir cobre na Arábia Saudita

A Barrick Gold Corp e a Ma'aden uma mineradora saudita, estão entrando em JV para a lavra do projeto Jabal Sayid . Esse jazimento deverá produzir, a partir de 2015, 58 milhões de toneladas de cobre por ano durante os 5 anos de operação.

O jazimento de Jabal Sayid é um stockwork de pirita-calcopirita com subprodutos de ouro, prata e zinco em vulcânicas riódacíticas . Os recursos de Jabal Sayid atingem 30,4Mt @ 2,26% Cu.

Apesar do investimento a Barrick está reduzindo os seus investimentos em mineração. Ela suspendeu o megaprojeto Pascua Lama juntamente com Cerro Casale e Donlin após ter que sofrer baixas contábeis de US\$11 bilhões.

Fonte: www.geologo.com.br

17-15/07/2014

CPRM inicia processo para eleição do representante dos empregados no Conselho de Administração

Começa nessa segunda-feira (14/7) o processo eleitoral para escolha do representante dos empregados no Conselho de Administração da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM). O Edital de Convocação para candidatura e eleição foi publicado no Diário Oficial da União e na Intranet da CPRM.

Com a Lei nº 12.353, de 28/12/2010, regulamentada pela Portaria 26/2011 do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, tornou-se obrigatória participação de um representante dos empregados nos conselhos de administração das empresas estatais com número superior a 200 (duzentos) empregados próprios.

Para cumprir a lei, a CPRM elaborou o Regulamento para Eleição de representante dos Empregados no Conselho de Administração da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (Regulamento Eleitoral) com procedimentos e regras da eleição.

O Regulamento Eleitoral estabelece que a coordenação de todo o processo eleitoral será realizada por uma Comissão Eleitoral composta por três representantes indicados pela CPRM e três representantes dos trabalhadores, indicados pelas entidades sindicais com representação entre os empregados da CPRM.

A lei estabelece ainda que o representante dos empregados deverá ser escolhido dentre os empregados ativos da empresa pública, pelo voto direto de seus pares, em eleição organizada pela empresa em conjunto com as entidades sindicais que os representem.

E também determina que os estatutos das empresas públicas deveriam prever a participação de representante dos trabalhadores nos seus conselhos de administração, motivo pelo qual foi alterado o Estatuto Social da CPRM pela Assembleia Geral Extraordinária, de 06/09/2011, que deliberou para reforma do Estatuto visando consignar a participação no Conselho de Administração de representante dos empregados nos termo da legislação vigente.

Conforme atribuições do artigo 37 do Estatuto, o diretor-presidente da CPRM, Manoel Barretto, designou para compor a Comissão Especial para Eleição ao Analista em

Geociências, Leonardo Cusnir, os pesquisadora em Geociências, José Carlos Garcia Ferreira e Helion França Moreira, como representantes da empresa. E os pesquisadores em Geociências Lêda Maria Barreto Fraga e Gilberto José Machado e o técnico em Geociências, Walmar de Abreu, como representantes dos trabalhadores indicados pelas entidades sindicais. Leonardo Cusnir é o presidente da Comissão.

Fonte: CPRM

18-16/07/2014

BHP vende níquel, manganês e alumínio e concentra no ferro

A BHP está literalmente fechando uma página de sua história. Ela se prepara para vender quase todos os ativos que foram trazidos pela Billiton na fusão que ocorreu em 2001. São operações de níquel alumínio e manganês que já não fazem mais sentido econômico na estrutura da megamineradora. Esses ativos correspondem a menos de 10% da BHP-Billiton atual.

A BHP vem vendendo ativos “non-core” há bastante tempo. No entanto o que está havendo parece ser uma volta às raízes que pode implicar na saída da bolsa de Londres com uma concentração estratégica nos ativos de minério de ferro, energia e cobre, e até uma mudança de nome.

O processo de venda vai ser longo e difícil. A venda dos ativos Nickel West, por exemplo, onde a BHP pensava obter US\$800 milhões está se mostrando bem mais difícil do que imaginado. Hoje a Glencore, uma das possíveis compradoras se retirou do processo deixando a Trafigura a Sherrit e a chinesa MMG ainda na contenda. Com a saída da Glencore Xtrata acredita-se que a venda seja depreciada e o valor fique em torno de US\$500 milhões...

Fonte: www.geologo.com.br

19-16/07/2014

Fortescue quer que vendas de minério subam 30%

ESTADÃO conteúdo

A mineradora Fortescue informou que espera vender 29% a mais de minério de ferro para o exterior, especialmente a China, no próximo ano fiscal depois de completar uma enorme expansão de suas operações na Austrália, segundo comunicado arquivado na Bolsa de Sydney.

A quarta maior exploradora de ferro do mundo disse que tem como objetivo enviar de 155 milhões a 160 milhões de toneladas de insumo siderúrgico nos período de 12 meses

que vai se encerrar em junho de 2015. A Fortescue exportou 124,2 milhões de toneladas de minério de ferro em seu último ano fiscal - abaixo da meta de 127 milhões de toneladas.

Ao longo da última década, a Fortescue cresceu de uma pequena exploradora para uma das maiores mineradoras do mundo de minério de ferro, competindo com as gigantes Rio Tinto e BHP Billiton.

Recentemente, a empresa estabeleceu como meta a produção de 155 milhões de toneladas de minério de ferro após a aberturas das minas da região de Pilbara, no estado de Austrália Ocidental.

A Fortescue informou ainda que espera reduzir os custos à medida de dimensiona a produção. A empresa prevê um custo operacional de US\$ 31 a US\$ 32 por tonelada de minério de ferro no próximo ano fiscal, em comparação com média de US\$ 34,03 a tonelada do ano fiscal anterior.

Além disso, a empresa reconheceu que enfrentou desafios com a queda dos preços do minério de ferro na China, que recentemente recuou para os mínimos de quase dois anos em meio a um forte aumento da oferta. A Fortescue relatou que vendeu seu minério de ferro cerca de 20% abaixo do preço de índice de referência média no trimestre encerrado em junho. Durante o ano inteiro, o desconto médio foi de 14%. Fonte: Dow Jones Newswires.

20-16/07/2014

Produção de minério da Rio Tinto sobe 10% no 1ºsem/14

A mineradora Rio Tinto produziu volumes recordes de minério de ferro em seu primeiro semestre fiscal, após uma expansão de vastas minas na Austrália, mesmo com a queda contínua do preço da commodity.

A Rio Tinto informou que produziu 139,5 milhões de toneladas de minério de ferro de janeiro a junho, uma alta de 10% ante o mesmo período do ano anterior. Os seus embarques subiram 20%, para 142,4 milhões de toneladas.

"Nossa expansão de minério de ferro continua a apresentar crescimento de alta margem, que reforça a nossa posição como um produtor de baixo custo", relata o documento com o detalhamento da produção do semestre arquivado na Bolsa de Sydney, assinado pelo presidente da companhia, Sam Walsh.

A Rio Tinto está apostando que a demanda chinesa por minério de ferro continuará forte, ajudada em parte pelos gastos do governo em projetos que necessitam de grandes quantidades de aço, como ferrovias e aeroportos.

Mas esse otimismo não é compartilhado por operadores do mercado. Vários gestores de fundos recentemente cortaram as suas participações de ações de mineração - entre as quais os papéis da Rio Tinto -, por preocupações sobre um excesso de oferta de minério de ferro. Fonte: Dow Jones Newswires.

21-16/07/2014

Índia importa mais carvão da Austrália

A produção de carvão indiano está em queda e as termoelétricas começam a ficar sem estoque. Essa situação cria uma oportunidade para que o carvão australiano entre no mercado local. A Índia já importa 20% de suas necessidades, mas isso não está sendo suficiente graças a uma maior demanda energética.

Calcula-se que a produção anual, em 2015, será de 466,9 milhões de toneladas de carvão. Esta produção local não será suficiente, pois as necessidades neste ano, irão superar os 551 milhões de toneladas, criando uma demanda para o carvão australiano de, no mínimo, 85 milhões de toneladas.

Fonte: www.geologo.com.br

22-16/07/2014

Produção de aço bruto da China cresce 4,5% ao ano em junho

PEQUIM - A produção de aço bruto da China cresceu 4,5% em junho ante o mesmo mês do ano anterior, para 69,29 milhões de toneladas, mas caiu 1,6% na comparação com o mês imediatamente anterior, maio, segundo dados divulgados nesta quarta-feira pelo Escritório Nacional de Estatísticas da China (NBS, na sigla em inglês).

A produção somada dos seis primeiros meses do ano cresceu 3% ante o primeiro semestre do ano anterior, para 411,91 milhões de toneladas.

A produção média diária em junho atingiu um recorde de 2,31 milhões de toneladas, em comparação com 2,27 milhões de toneladas em maio, segundo o NBS. É o ritmo maior de crescimento até agora.

A Associação Chinesa de Ferro e Aço, porém, divulgou nesta quarta-feira que, somente a indústria siderúrgica, tem algo como US\$ 480 bilhões em dívidas, mais do que o dobro do registrado há cinco anos.

Metade do valor consiste em empréstimos bancários. Xiang Songzuo, economista-chefe do Banco Agrícola da China, afirmou que os bancos, inclusive o dele, “estão sentindo a pressão” da incapacidade das empresas siderúrgicas em honrar os empréstimos.

O crescimento da produção de aço indica que os esforços da China para administrar a indústria são vacilantes. Os principais líderes do país se comprometeram a reduzir a superprodução industrial, principalmente na produção de aço, porque aumenta a poluição e o desperdício de investimento.

Mas as autoridades locais têm resistido, temendo pelos impactos nos empregos e aos interesses das empresas locais. Políticas governamentais de estímulo destinadas a apoiar o crescimento econômico, que incluem projetos de infraestrutura, também mantiveram a produção de aço em alta. A queda no preço das matérias-primas para o aço, especialmente o minério de ferro, é um impulso adicional para mais produção.

(Dow Jones Newswires)

23-16/07/2014

EUA perdem ação contra China e Índia na OMC sobre papel de estatais

Por **Shawn Donnan e Lucy Hornby | Financial Times, de Londres e Pequim**

Uma decisão da Organização Mundial de Comércio (OMC) representou uma derrota para os Estados Unidos num conflito em torno das tarifas impostas pelo país ao aço e a outros produtos importados da China e da Índia. O veredicto significou um golpe aos esforços dos EUA de questionar o papel de empresas estatais em economias emergentes.

Washington tenta há anos contestar judicialmente as estatais chinesas, ao dizer que elas se beneficiam de subsídios tanto abertos quanto ocultos que, deslealmente, reduzem seus custos de produção. O país argumentou que esses subsídios equivalem aos subsídios governamentais às exportações chinesas, proibidos pela OMC.

Washington também pressionou pela adoção de normas rígidas que regulamentem o comportamento de empresas estatais em novos tratados comerciais, como a Parceria Transpacífico, que os EUA esperam concluir com o Japão e dez outros países até o fim do ano. A investida dos EUA chama a atenção para as dificuldades representadas pela estrutura industrial da China e de muitos outros países em desenvolvimento para um sistema comercial mundial alicerçado na nítida separação entre empresas e governo.

O governo americano conquistou neste ano vitórias significativas na OMC em outros processos que envolviam a China. Poucos meses atrás, a China foi repreendida pelos rígidos controles que exerce sobre as estratégicas terras-raras, empregadas em smartphones e em outros produtos de alta tecnologia.

Mas nas decisões tomadas na segunda-feira, um painel de juízes da OMC decidiu contra os EUA em processos movidos pela China e pela Índia que contestavam a maneira pela qual Washington impôs "tarifas compensatórias" contra subsídios supostamente ilegais concedidos por "órgãos públicos".

No processo chinês, um painel de três juízes da OMC corroborou um veredicto de 2011 que formulou uma definição rigorosa do que podia ser considerada uma entidade governamental. Segundo a decisão, as empresas estatais não podiam ser consideradas "órgãos públicos" apenas por serem majoritariamente controladas por governos. Em vez disso, disse o grupo de juízes, os EUA teriam de provar que as empresas estatais chinesas também desempenhavam "funções governamentais" ou exerciam "autoridade de governo".

Em outro processo sobre o aço indiano, os juízes da OMC discordaram do argumento de Washington de que o fornecimento de mineradoras estatais de minério de ferro e de carvão possibilitava tratar os exportadores de aço indiano como entidades públicas.

O veredicto sobre a China foi bem recebido pelo Ministério do Comércio em Pequim, que pediu aos EUA para "assegurar um cenário de concorrência justa para as empresas chinesas".

Os EUA consideraram como vitórias parciais os processos contra a China e Índia, já que a OMC rejeitou um número significativo das contestações dos dois países asiáticos aos tributos conhecidos como "medidas compensatórias", ou tarifas punitivas, que Washington havia imposto em decorrência dos supostos subsídios. O painel também avalizou o uso por Washington de referenciais de terceiros países, em vez de transações reais, para calcular o custo real das exportações da China.

Quanto às questões remanescentes no processo contra a China, incluindo o tratamento a empresas estatais, Mike Froman, representante de Comércio Exterior dos EUA, disse que Washington estava "avaliando suas opções cuidadosamente".

Os dois lados podem recorrer da decisão junto ao órgão de recursos da OMC e, dada a natureza do caso, isso é considerado provável.

Tim Brightbill, sócio do escritório de advocacia Wiley Rein, de Washington, disse que o Departamento de Comércio já começou a ajustar suas investigações sobre os supostos subsídios de modo a refletir a decisão de 2011 sobre empresas estatais. A questão está entre as mais importantes do comércio internacional da atualidade, acrescentou.

24-16/07/2014

**PROJETO DE OURO DA AMARILLO EM GO É APROVADO EM
AUDIÊNCIA PÚBLICA**

A Amarillo Gold informou ontem (15) que assinou um protocolo de intenções com o governo do Estado de Goiás e com o município de Mara Rosa, referente ao projeto de ouro Mara Rosa. Segundo a mineradora, o documento, assinado durante audiência pública em Goiânia, garante o apoio das autoridades municipais e governamentais para o desenvolvimento do projeto.

“É muito estimulante para a Amarillo ver todo esse apoio do município e do Estado para o nosso plano de abrir uma mina de ouro em Mara Rosa. Estamos todos ansiosos para que essa cooperação do governo e da população do município continue”, disse Buddy Doyle, presidente da Amarillo.

O acordo define como o município de Mara Rosa e a Amarillo vão formular um plano para treinar as equipes, de acordo com as habilidades necessárias para a mina; como a Celg vai fornecer energia para a mina; e como o Estado de Goiás vai orientar a mineradora a avaliar incentivos fiscais e possibilidades de financiamento estadual por meio dos programas de incentivo industrial e do banco de desenvolvimento, entre outros.

O protocolo de intenções teve como co-signatários o prefeito do município de Mara Rosa, a Companhia Energética de Goiás (Celg) e os secretários da Indústria e Comércio, de Meio Ambiente e Recursos Hídricos e de Ciência e Tecnologia do Estado de Goiás.

A mineradora explicou que o protocolo de intenções define também como o governador e a entidade ambiental estadual responsável vão expedir o processo de licenciamento do projeto Mara Rosa.

A empresa entrou com o pedido de Licença Prévia (LP) para o projeto em maio de 2012. Na época, o Ministério Público (MP) solicitou um estudo sobre os impactos ambientais que poderiam ter sido causados no depósito Posse. Diante dessa situação, a Amarillo encaminhou, em 28 de janeiro, o relatório preliminar de Investigação de Passivo Ambiental (IPA), o estudo com monitoramento e mensuração da qualidade da superfície e dos lençóis freáticos de Posse, das amostras retiradas do solo e da biota aquática.

A Amarillo encaminhou o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e o Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) do projeto em fevereiro deste ano.

O projeto Mara Rosa fica a 320 quilômetros de Brasília e a 350 quilômetros de Goiânia. O estudo prévio de viabilidade, realizado em 2011, aponta que há um teor de corte de 0,5 grama de ouro por tonelada. Os recursos inferidos são de 3,6 milhões de toneladas métricas, com teor de 1,3 grama de ouro por tonelada e contém 156 mil onças. Os recursos medidos e indicados são de 20,8 milhões de toneladas, com teor de 1,7 grama de ouro por tonelada, e contém 1,1 milhão de onças.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

25-16/07/2014

INDÚSTRIA BRASILEIRA BUSCA ATRAIR INVESTIMENTOS CHINESES

Seminário Brasil-China discute oportunidades de negócios no país e agenda bilateral das duas economias às vésperas da visita do presidente chinês Xi Jinping

Ampliar os investimentos chineses no Brasil em infraestrutura, agronegócio e indústria são os objetivos do Seminário Empresarial Brasil-China, organizado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) em conjunto com a Apex-Brasil, o Conselho Empresarial Brasil-China (CCBC) e Confederação Nacional do Transporte (CNT), nesta quarta-feira 16 de julho. O evento ocorre às vésperas da visita do presidente chinês Xi Jinping, na sede da CNI em Brasília, com mais de 200 empresários chineses, dos mais variados setores, como financeiro, telecomunicações, tecnologia da informação, automotivo, alimentos, eletrônicos e de máquinas e equipamentos.

Devido ao grande interesse dos empresários chineses em negócios no Brasil, o encontro estará focado nas oportunidades de negócios, em projetos de infraestrutura e no Guia do Investidor, elaborado pela Apex. A primeira fase dos investimentos da China no Brasil ocorreu em 2010 nos setores intensivos em recursos naturais (mineração, petróleo, gás e commodities). Em 2011, os chineses passaram a se interessar em infraestrutura, distribuição de energia, veículos, bens de capital e eletrônicos. Desde 2008, as empresas chinesas anunciaram a intenção de investir US\$ 70 bilhões em novas aquisições, parcerias e construções de plantas de fábricas. Até o momento, já foram desembolsados US\$ 10 bilhões desse total.

Investimentos

A relação entre Brasil e China é muito importante embora esteja desigual. A China se tornou, em 2009, o maior destino das exportações do Brasil e, em 2011, o maior parceiro comercial brasileiro. Na última década, a corrente de comércio cresceu quase 10 vezes e atingiu, em 2013, US\$ 83,3 bilhões. No entanto, 85% da pauta de exportação do Brasil são concentradas em minérios de ferro, soja e petróleo, e mais de 90% das compras brasileiras da China são de produtos manufaturados, em especial, bens de consumo, máquinas, partes e peças de bens do setor eletrônico.

O Seminário Empresarial Brasil-China é uma oportunidade de atrair novos investimentos e iniciar diálogos para equilibrar o comércio bilateral. Empresas brasileiras que investiram ou tentam investir na China têm relatado à CNI dificuldades com regimes que limitam a participação do capital estrangeiro e não protegem a propriedade intelectual. Essas restrições acabam por inibir o investimento brasileiro no país e reduzir as exportações de partes e peças. Uma alternativa é reduzir a limitação, imposta pela China, aos investimentos brasileiros por meio de licenças de regulação para proibir, restringir ou direcionar a entrada de capital estrangeiro no mercado chinês.

Barreiras técnicas

Além do seminário, a CNI tem desenvolvido agenda ofensiva com a China em busca de ampliar o acesso ao mercado chinês, agregar valor às exportações brasileiras para o País e diversificar os investimentos. Num levantamento recente, a CNI listou 11 setores que esbarram em barreiras ao comércio com a China. Suco de laranja, granito e café industrializado sofrem com picos tarifários. O café industrializado, por exemplo, paga a megatarifa de até 30%, e as chapas de granito desembolsam 24% a mais para entrar no país. Suas versões de produtos básicos pagam tarifas próximo a 0%. Essa diferença torna o produto manufaturado menos atrativo.

A CNI identificou barreiras técnicas e sanitárias às exportações de carnes, couros, equipamentos médico hospitalares e químicos. Assim a indústria entende que os governos brasileiro e chinês devem estreitar o diálogo para derrubar essas barreiras. No caso das máquinas e equipamentos hospitalares, a China deveria seguir os padrões internacionais definidas pelo International Laboratory Accreditation Cooperation (ILAC) e pelo Internacional Accreditation Forum (IAF) para dar maior transparência na adoção de critérios para o credenciamento dos equipamentos exportados do Brasil.

O fim das barreiras técnicas para o setor de químicos será possível se China seguir seus compromissos assumidos em seu Protocolo de Acesso à Organização Mundial do Comércio (OMC) e dar mais transparência na publicação de informações sobre os requisitos exigidos na certificação de substâncias químicas. O setor industrial também defende que o governo chinês deixe de exigir o certificado sanitário internacional para as exportações brasileiras de couro wet blue (curtido), pois não oferecem risco sanitário, além de abolir a vistoria nos portos chineses de 100% dos contêineres de couro brasileiro já inspecionados no curtume no Brasil.

Outras agendas para a China:

Agregar valor às mercadorias: Fortalecer e expandir as ações da Agência Brasileira de Promoção e Exportações de Investimentos (Apex-Brasil) para agregar valor às exportações brasileiras para a China, sobretudo de produtos do setor de alimentos e bebidas.

Feiras de importação: Coordenar esforços entre governo e setor privado brasileiros para ampliar a participação do País nas feiras de importação da China para promover as exportações do país no mercado chinês

Inteligência comercial e nichos de mercado: Ampliar os estudos de inteligência comercial da Apex-Brasil para identificar e definir estratégias de atuação do Brasil em nichos de mercado na China, em especial, no setor industrial.

Fonte: CNI

26-16/07/2014

MINERAÇÃO DE CARVÃO EM MOÇAMBIQUE ESTIMULA CRESCIMENTO DO PORTO DE MAPUTO

O último relatório da Economist Intelligence Unit (EIU) sobre Moçambique apontou que o desenvolvimento do Porto de Maputo e das linhas ferroviárias que fazem ligação com o terminal portuário são os principais fatores para o crescimento do país africano de 2014 a 2018. O setor de mineração, segundo o estudo, contribui para o aumento dos transportes do porto, devido à operação de minas de carvão em Moçambique.

O setor de transportes do país africano registrou um crescimento de 16,1% no ano passado. Cerca de nove minas de carvão entraram em operação e contribuíram para um crescimento também nos portos de Beira e Nacala, contribuindo para o fortalecimento da economia do país.

“O Porto de Maputo está gradualmente recuperando o papel como grande ponto de trânsito para a região da África Austral”, afirmam os analistas da EIU, em referência ao início da década de 1970, quando a capital de Moçambique era um importante ponto comercial na região. No ano passado, a carga total transitada no Porto de Maputo foi de 17 milhões de toneladas, volume que quebrou o recorde de 1973.

O Porto de Maputo, a partir de julho, passará por operações de dragagem para ter condições de receber navios com até 80 mil toneladas de carga. A profundidade do canal de acesso ao porto vai passar de 11 para 14 metros. O investimento, segundo a imprensa local, deve ser de US\$ 2 bilhões.

A competitividade do porto aumentará com a maior profundidade, de acordo com o ministro dos Transportes e Comunicações, Gabriel Muthisse. Segundo ele, o transporte de cargas como minérios pede também a instalação de ferrovias, que impacta diretamente na expansão sustentável do porto. O total de cargas manuseadas no maior porto moçambicano deverá atingir 40 milhões de toneladas em 2020, mais do que o dobro do ano passado.

O consórcio gestor do porto (MPDC) é composto pela Dubai Ports World, com 24,7% de participação; Grindrod, com 24,7%; Portos e Caminhos de Ferro de Moçambique (CFM), com 49%; e Moçambique Gestores, com 1,6%. Os investimentos anunciados pela CFM e pelo governo incluem também o corredor ferroviário que liga Maputo à África do Sul, Swazilândia e Zimbabué.

A descoberta de importantes reservas de minérios e de gás natural tornaram Moçambique, nos últimos anos, um dos maiores focos de investimento estrangeiro no mundo, com grande interesse da parte de empresas de países asiáticos. O investimento em curso da China, Brasil, Índia e Austrália, segundo a EIU, “vai fortalecer os laços com estes países”, mantendo Portugal e África do Sul com relações econômicas próximas com Moçambique.

A atração de investimento para infraestruturas, recursos naturais e serviços “são prioridades chave” nos próximos anos para as autoridades, adianta o estudo. A EIU prevê que o crescimento econômico médio em Moçambique no período 2014 a 2018 fique em cerca de 7,7% ao ano.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

27-16/07/2014

EMPRESÁRIOS PROPÕEM MEDIDAS PARA INCREMENTAR NEGÓCIOS ENTRE PAÍSES DO BRICS

No documento entregue aos governantes das cinco economias emergente há sugestões de estratégias para fortalecer a cooperação em tecnologia da informação, transportes, saúde e turismo

Empresários do Brasil, da Rússia, da Índia, da China e da África do Sul sugerem que os governos tomem medidas para promover melhorias na logística e na conectividade entre os cinco países, além de maior cooperação em beneficiamento e agregação de valor aos minerais, energia e economia verde, produtos farmacêuticos e agroindustriais. Nesse sentido, disseram que estão dispostos a trabalhar em conjunto com o governo.

As propostas e recomendações fazem parte do Relatório Anual do Conselho Empresarial do BRICS 2013/2014. O documento foi entregue nesta terça-feira, 15 de julho, pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Robson Braga de Andrade, representando o Conselho, à presidente Dilma Rousseff, durante a 6ª Cúpula do BRICS, em Fortaleza.

"A declaração assinada pelos co-presidentes do Conselho fixou como objetivos ampliar os laços econômicos entre os países e fomentar o fluxo de investimentos e o número de negócios realizados pelas comunidades empresariais do BRICS", afirmou Andrade.

Os empresários também querem maior cooperação em tecnologia da informação, transportes, saúde e turismo, inserção das pequenas e médias empresas nas cadeias globais de valor, conservação de recursos naturais e transferência de tecnologia.

DIÁLOGO REGULAR - O Conselho Empresarial do BRICS foi criado em março de 2013, durante a V Cúpula BRICS, em Durban, na África do Sul, para fortalecer e promover o comércio, os negócios e os investimentos entre as empresas dos cinco países. O objetivo é garantir o diálogo regular entre as comunidades empresariais e os governos que compõem o grupo.

Ainda segundo o documento elaborado pelo Conselho, os empresários se comprometem a cooperar e trabalhar em parceria com as comunidades de negócios dos países do BRICS para:

- Criar uma plataforma dedicada à troca de informações de negócios (BRICS Portal de Negócios);
- Apoiar e realizar feiras, exposições e fóruns dentro dos países do BRICS;
- Lançar uma seção especial no site de cada um dos países do Conselho Empresarial do BRICS para postar informações e propostas comerciais de parceiros de negócios e potenciais joint ventures;
- Promover negócios, comércio e investimentos com base nas melhores práticas empresariais dos países dos BRICS.

ELIMINAÇÃO DE BARREIRAS - O grupo de empresários também propôs aos seus governos a criação de um regime especial em matéria de vistos a pessoas que viajam a negócios, a aceleração da criação do Banco de Desenvolvimento e a harmonização de normas técnicas. Os empresários identificaram ainda barreiras e obstáculos à promoção do comércio, negócios e investimentos entre os países.

As seções do grupo de empresário são presididas por José Rubens De La Rosa (Brasil); Patrice Motsepe (África do Sul); Ma Zehua (China); Onkar Kanwar (Índia) e Sergey Katyrin (Rússia).

Fonte: CNI

28-16/07/2014

FERROVIAS

Ministério da Fazenda libera R\$ 1,2 bi para Transnordestina

O Ministério da Fazenda aprovou o pedido da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) de contratação de um aditivo de R\$ 1,204 bilhão do Fundo de Desenvolvimento do Nordeste (FDNE) para o projeto de construção da ferrovia Transnordestina. O projeto pode beneficiar diversas mineradoras. O projeto da Transnordestina Logística liga o município de Eliseu Martins (PI) e áreas aos Portos de Suape (PE) e Pecém (CE). Ao todo, serão 2.304 km de ferrovia passando por 81 municípios, sendo 19 no Piauí, 28 no Ceará e 34 em Pernambuco. O foco do projeto é o transporte de carga de grãos, minérios, combustíveis e insumos agrícolas. Entre os empreendimentos de mineração que podem se beneficiar com a nova ferrovia estão o projeto de minério de ferro Planalto, da Bemisa, em Paulistana (PI), e o projeto de minério de ferro Borborema, da Latin Resources, no Rio Grande do Norte. O projeto da Bemisa está em fase de implantação e visa produzir 15 milhões de t/ano. O projeto da Latin Resources fica entre duas empresas de minério de ferro em operação : a Mhag e a Susa, da Zamin. Todas terão o acesso ao porto melhorado com o avanço da Transnordestina. Outra atividade mineral que pode se beneficiar com a chegada da Transnordestina é a produção de gipsita no interior de Pernambuco. A ferrovia conta com investimentos totais de R\$ 5,3 bilhões, com participação de R\$ 2,6 bilhões do FNDE, ou seja, 50% do empreendimento. A Sudene já liberou recursos de R\$ 1,4 bilhão, o equivalente a 56% dos recursos alocados ao projeto

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 661

29-17/07/2014

EXECUTIVOS II

Vulcan Material anuncia novo presidente e CEO

A Vulcan Materials Co. anunciou J. Thomas Hill como novo Presidente e CEO da Companhia. Ele substituiu Donald Jones que assume o posto de Presidente do Conselho Executivo da Vulcan. Hill está na Companhia há mais de 24 anos e atuou em diversas áreas. O cargo mais recente em que esteve foi o de Vice-Presidente Executivo e COO.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 661

30-17/07/2014

Preço fica estável em US\$ 98

Por **Olivia Alonso** | De São Paulo

O preço do minério de ferro ficou estável ontem em US\$ 98 por tonelada. Foi o sétimo dia seguido sem quedas no preço da commodity, que ficou estável duas vezes e subiu em cinco sessões. Com a trajetória altista na primeira metade do mês, o minério acumula valorização de 4,5% em julho, apesar de estar em queda de 27% no ano.

A principal notícia do setor no dia foi o aumento de produção e embarque da Rio Tinto e da Fortescue Metals. Os embarques da Fortescue Metals totalizaram 34 milhões de toneladas no segundo trimestre, 22% acima das 30,8 milhões de toneladas no primeiro trimestre do ano e 58% mais do que as 23,9 milhões de toneladas no período de abril a junho do ano passado. A Rio Tinto informou que seus embarques subiram 20% no primeiro semestre do ano, totalizando 142,4 milhões de toneladas.

No Brasil, as exportações de minério de ferro somaram 6,6 milhões de toneladas na última semana, acima das 5,3 milhões de toneladas na semana anterior.

O crescimento da economia chinesa no segundo trimestre superior ao esperado pelo mercado impulsionou ontem as ações das maiores mineradoras globais.

A siderúrgicas da China são as principais consumidoras de minério de ferro do mundo, com aproximadamente dois terços das importações globais no ano passado.

31-17/07/2014

Rio Tinto e Fortescue mantêm produção em alta

Por **James Wilson** | **Financial Times**, de Londres

Dois dos maiores produtores de minério de ferro do mundo divulgaram grandes aumentos na produção, mostrando por que os preços da principal commodity usada na produção de aço se encontram sob pressão. A mineradora anglo-australiana Rio Tinto e a australiana Fortescue Metals estão correndo para concluir planos de expansão e aumento de produção de suas minas na Austrália Ocidental.

A Rio Tinto, segunda maior produtora de minério do mundo em volume, disse que suas remessas cresceram 20% nos primeiros seis meses do ano, para 142 milhões de toneladas, enquanto a produção aumentou 10%, para 139 milhões de toneladas. A mineradora prevê uma produção anual de 295 milhões de toneladas e pretende aumentar isso para 350 milhões de toneladas em poucos anos.

A Fortescue, quarta maior mineradora de minério em volume, disse que alcançou sua meta em 12 meses de 155 milhões de toneladas nos três meses encerrados em junho. Sua produção cresceu 28% sobre o mesmo período do ano passado, enquanto as remessas aumentaram ainda mais, 55% sobre o mesmo período de 2013.

O crescimento das produtoras de minério da Austrália, incluindo a BHP Billiton, que deverá divulgar sua produção até o fim do mês, ajuda a pressionar o preço da commodity. As australianas estão apostando que os baixos custos de produção ajudarão a tirar do mercado outros produtores - principalmente na China, onde a maior parte do minério de ferro é usado. "A Fortescue acredita que o fornecimento voltará a se equilibrar no curto prazo, na medida em que os estoques dos portos forem diminuindo, as companhias siderúrgicas se reabastecem e o minério de ferro de produção mais cara sai do mercado", disse a companhia.

Mineradoras como a Rio Tinto também não estão dando importância aos temores de que a demanda chinesa por minério de ferro para a produção de aço poderá cair muito. Elas afirmam que a China deverá continuar investindo em infraestrutura, o que vai dar suporte à demanda por aço. Analistas da Numis dizem que a Rio Tinto está "claramente insistindo na expansão e produção de minério de ferro diante dos ventos contrários dos preços".

A Rio Tinto, que vem priorizando os investimentos em minério de ferro em detrimento de outras commodities, disse que suas expectativas de produção para este ano permanecem inalteradas. No entanto, a companhia aumentou a orientação para a quantidade de cobre que espera extrair após um crescimento de 23% nos primeiros seis meses do ano.

32-17/07/2014

Austrália elimina 'taxa carbono' criticada por grupos do setor de mineração



A Austrália aboliu nesta quinta-feira uma "taxa carbono" criticada pelos grupos do setor de mineração que havia sido instaurada há dois anos pelo governo trabalhista para reduzir as emissões de carbono, no âmbito da luta contra as mudanças climáticas.

A câmara alta do Parlamento aprovou por 39 votos contra 32 a anulação desta taxa, uma medida prometida pelo partido conservador que chegou ao poder em setembro de 2013. O resultado da votação recebeu tímidos aplausos.

O primeiro-ministro australiano, Tony Abbott, afirmava que os consumidores eram os que custeavam o aumento desta taxa através de contas mais elevadas.

"É uma grande notícia para as famílias australianas e para a pequena empresa de nosso país", disse Abbott, para quem os estudos científicos que atribuem o aquecimento global à ação do homem são um "verdadeiro absurdo".

A Austrália é responsável por 1,5% de emissões de gases do efeito estufa no mundo, mas ao mesmo tempo é um dos maiores emissores do mundo por habitante devido a sua dependência do carbono para a produção de eletricidade.

Além disso, o setor minerador é o motor do crescimento australiano há 15 anos e o país conta com vários gigantes do setor, entre eles Rio Tinto e BHP Billiton.

33-17/07/2014

Produção de minério de ferro da China sobe 7,3% em junho



XANGAI (Reuters) - A China, maior consumidor global de minério de ferro, produziu 139,3 milhões de toneladas da matéria-prima do aço em junho, aumento de 7,3 por cento na comparação com o mesmo mês do ano passado, de acordo com dados do governo divulgados nesta quinta-feira.

A produção total nos primeiros seis meses do ano alcançou 710,6 milhões de toneladas, de acordo com dados do escritório nacional de estatísticas.

A China é o maior comprador de minério de ferro do Brasil. O produto é o principal da pauta brasileira de exportações.

Uma atividade de mineração maior na China e o aumento na produção das grandes mineradoras globais, como a Vale, colaboraram para o preço do minério no mercado à vista atingir uma mínima de 21 meses em junho.

A queda dos preços, porém, provavelmente deve tirar mineradoras menos eficientes da China do mercado, segundo representantes do setor.

(Reportagem de Fayen Wong)

34-17/07/2014

Codelco necessita de US\$22 bilhões ou poderá fechar grandes minas como Chuquicamata

Um relatório elaborado pelo Ministério da Fazenda do Chile informa dados preocupantes. A estatal Codelco, a maior produtora de cobre do mundo e a maior empresa do Chile, precisa, urgentemente, de fundos para manter as suas operações.

Segundo o relatório a Codelco necessitará de US\$22,3 bilhões até 2018. Caso esses fundos não se disponibilizem, a produção irá diminuir em 40% em menos de dez anos e, aos poucos, a empresa terá que fechar grandes minas como Chuquicamata, Salvador, Andina e Gabriela Mistral.

Aos investimentos são necessários para a manutenção e desenvolvimento de novos projetos e expansões como Chuquicamata subterrânea, Radomiro Tomic fase 2, Rayo Inca de El Salvador.

Fonte: www.geologo.com.br

35-17/07/2014

Minério de ferro: você conhece o IOCJ65% ?

Quando se fala de preço do minério de ferro a principal referência é o 62% que é determinado pelo Iodex, o índice da Platts. Trata-se de um índice para os finos com teor médio de 62% de ferro. Caso o seu minério de ferro tenha teores superiores, a Platts usa um fator multiplicador por percentual acima de 62% Fe.

Como já antecipado aqui no Portal do Geólogo, o minério de ferro de Carajás é de altíssima qualidade e deveria ter uma certificação especial, já que ele não se enquadra no índice da Platts. Por ser de teor muito elevado o minério de Carajás é usado para viabilizar os minérios de teor mais baixo. Por décadas a fio, os importadores misturaram

o minério de Carajás de 64 a 67% com seus minérios pobres fazendo um mix 62% que é o mais aceito no mercado. O momento chegou, e a Vale está criando o IOCJ65% que é o minério 65% Fe de Carajás, um verdadeiro brand, que vai conquistar o mercado assim que lançado.

Na situação atual, onde os minérios australianos de alto teor estão acabando em pouco mais de 10 anos, e o mercado mundial começa a ficar infestado com os minérios pobres, o novo índice da Vale vai dar o devido valor, e preço, ao 65% Fe de Carajás. Trata-se de um minério menos poluente que deixa um volume menor de rejeitos e que tem um custo muito menor de energia, processamento e metalurgia. Até 2018 o IOCJ65% já terá decolado, alavancado com o minério da Serra Sul e adicionando bilhões de dólares aos cofres da Vale.

Fonte: www.geologo.com.br

36-17/07/2014

Produção de platina da Anglo American despensa 40%; minério de ferro tem alta



(Reuters) - A Anglo American, recuperando-se de uma greve de cinco meses em suas minas de platina, divulgou uma forte queda na produção trimestral do metal precioso, o que ofuscou a produção mais alta de cobre e minério de ferro.

As ações da Anglo caíram 2,2 por cento, às 8h22 (horário de Brasília), depois que a mineradora divulgou uma queda de 40 por cento na produção de platina no segundo trimestre, o resultado da produção perdida em suas importantes minas na África do Sul.

A queda, que deve prejudicar o lucro no primeiro semestre, eclipsou uma leve alta na produção de minério de ferro, o maior gerador de renda para a Anglo no ano passado.

A produção de minério de ferro cresceu 2 por cento, para 11,5 milhões de toneladas, para os três meses encerrados em 30 de junho. A produção de cobre, que contribuiu com cerca de um quarto do lucro da companhia no ano passado, subiu 6 por cento para 194.400 toneladas.

O analista da Numis Securities, Cailey Barker, disse que as novas informações sobre a produção "não são um conjunto horrível de resultados". Ele disse que a produção de níquel, cobre e carvão para metalurgia foram melhores que o esperado.

"Porém os resultados são dominados pela dor da platina", escreveu Barker em uma nota.

Dezenas de milhares de trabalhadores retornaram ao trabalho em junho depois de acordos salariais encerrarem a mais longa e prejudicial greve na história da África do Sul, uma disputa que também atingiu a Lonmin e a Impala Platinum Holdings.

(Por Karen Rebelo)

37-17/07/2014

Luna Gold anuncia produção de ouro do segundo trimestre 2014

Luna Gold Corp anuncia que sua produção de ouro na mina de ouro de Aurizona, para o período de três meses terminou a 30 de junho de 2014 foi 14.262 onças de ouro a um teor médio de 1,14 gramas por tonelada processada.

Fonte: Infomine

38-17/07/2014

SEME REALIZARÁ SÉRIE DE OFICINAS PARA ELABORAÇÃO DO PLANO DE MINERAÇÃO DO MARANHÃO]

A Secretaria de Estado de Minas e Energia (Seme) inicia nesta sexta-feira (18), pelo município de Bacabeira, uma série de oficinas temáticas, audiências públicas e seminários que irão subsidiar o “Diagnóstico do Setor Mineral do Maranhão: Levantamento de Cadeias Produtivas e Plano de Ações”. Esse esforço tem como objetivo a elaboração do Plano de Mineração do Maranhão 2030.

A proposta, com essas discussões é prover o Estado das informações geológicas, minerais, logísticas, de recursos humanos, sobre o arcabouço institucional e resíduos sólidos, produzidos pela mineração. “Esse é um trabalho fundamental de levantamento da cadeia produtiva mineral, com ênfase para os bens minerais importantes para a economia local/regional e das reservas e consumo para futuros empreendimentos industriais ou agrícolas.”, destacou o secretário de Minas e Energia, Ricardo Guterres, que participará das oficinas.

]Na elaboração do Plano de Mineração do Maranhão 2030, a Seme firmou convênio com o Ministério de Minas e Energia, que assegurou recursos no valor de R\$ 522.300,00, sendo R\$ 52.000,00 de contrapartida estadual. O prazo de conclusão do plano é fim de dezembro deste ano.

“Diante do potencial do estado, vislumbram-se promissores horizontes para o crescimento da produção mineral nos próximos anos, atendendo a uma demanda crescente provocada pelo desenvolvimento agrícola, incluindo cana de açúcar, eucalipto, além do setor siderúrgico, da mineração propriamente dita e da construção

civil, que exerce uma forte demanda por areia, argila e brita, principalmente nos centros próximos destes importantes polos de desenvolvimento”, assinalou Ricardo Guterres.

A primeira oficina acontece nesta sexta-feira (18), em Bacabeira, e terá como tema central a brita, bem mineral da maior importância para o município. O ciclo de oficinas será realizado ainda este mês em Grajaú (dia 21) com a temática Gipsita; em Godofredo Viana (dia 25), sobre ouro. Em agosto estão programadas oficinas em Balsas (dia 1o) sobre calcário; em Itapecuru-Mirim (dia 8) sobre argila; em São José de Ribamar (dia 18), com a temática da água mineral; e em Imperatriz (dia 25), sobre Saibro, Cascelho e Laterita.

A Seme informou que no mês de outubro serão realizadas audiências públicas e seminários nos municípios de Imperatriz e São Luís.

Fonte: O Quarto Poder

39-17/07/2014

RIO TINTO DIVULGA PRODUÇÃO DE BAUXITA E ALUMINA NO BRASIL NO 1º SEMESTRE

A Rio Tinto produziu 174,7 mil toneladas de bauxita e 908 mil toneladas de alumina no Brasil durante o primeiro semestre de 2014. O volume produzido foi calculado com base nos 12% de participação que a Rio Tinto possui na Mineração Rio do Norte (MRN), e nos 10% na refinaria de alumina São Luís, da Alumar, controlada pela Alcoa. A empresa continua uma pesquisa de bauxita na Bahia. Os números são do relatório semestral da empresa divulgado ontem (16).

O volume de alumina produzido representa um aumento de 4,6% em relação ao primeiro semestre de 2013. Já no segundo trimestre deste ano, a produção de alumina da mineradora foi de 86,5 mil toneladas. Em relação ao período de abril a junho do ano passado, houve um aumento de 3,5%.

No primeiro semestre de 2014, a Alumar produziu 1,747 milhão de toneladas de alumina, segundo dados do relatório da Rio Tinto. O número é superior em relação aos seis primeiros meses de 2013, quando foram produzidas 1,669 milhão de toneladas de alumina. No segundo trimestre deste ano, a produção de alumina da Alumar foi de 865 mil toneladas ante 836 mil toneladas no mesmo período no ano passado.

A quantidade de bauxita produzida no primeiro semestre de 2014 é 6% maior em relação às 856,6 mil toneladas produzidas nos seis primeiros meses de 2013.

A MRN produziu um total de 7,567 milhões de bauxita no primeiro semestre de 2014, conforme informou o relatório da Rio Tinto. No mesmo período do ano passado, foram produzidas 7,139 milhões de toneladas de bauxita.

No relatório semestral, a Rio Tinto mencionou o projeto de pesquisa Amargosa Orbit, na Bahia. A mineradora disse que dará seguimento ao mapeamento e pesquisa de diferentes alvos de bauxita por meio de sondagens de trado.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

40-17/07/2014

Mineração em terras indígenas divide candidatos

Por **Raphael Di Cunto | De Boa Vista**

Em uma eleição ainda pautada pela demarcação da Raposa Serra do Sol, concluída em 2009, os três principais candidatos ao governo de Roraima apresentam projetos diferentes para o desenvolvimento das terras indígenas, principalmente sobre a possibilidade de mineração nas áreas demarcadas, atualmente proibida pela Constituição Federal.

Enquanto o governador Chico Rodrigues (PSB) e o ex-governador Neudo Campos (PP) defendem a exploração dos recursos minerais com pagamento de royalties para as tribos, a senadora Ângela Portela (PT) diz que vai ouvir a posição dos índios, que há dois meses lançaram campanha contra proposta de emenda constitucional (PEC) do senador Romero Jucá (PMDB-RR) que permite a mineração em terras indígenas.

O tema é um dos mais sensíveis da campanha eleitoral. Os índios representam cerca de 10% dos eleitores do Estado, mas a maioria não vive nas reservas, que ocupam 46% do território. Mas defender as causas indígenas pode retirar apoio dos produtores rurais que vivem em constante disputa, só agravada pela demarcação das terras.

Ex-governador do Estado e ex-presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Jucá, cujo irmão e filha são proprietários de mineradoras, diz que nada vai ser feito sem o consentimento dos índios e fiscalização da Funai. A PEC foi apresentada em 1995 e aprovada por unanimidade no Senado Federal já no ano seguinte, mas desde então tramita vagarosamente na Câmara dos Deputados, onde enfrenta resistência do governo federal.

Em nota divulgada em maio, o Conselho Indígena de Roraima (CIR) reforçou a oposição à PEC: "Os nossos direitos indígenas e nossa vida não estão à venda, muito menos são objetos de compensação por royalties e objeto de disputa milionária."

Com base em levantamento do Instituto Socioambiental, o CIR argumenta que os índios poderiam ser expulsos de 15 das 32 terras demarcadas em Roraima se o projeto fosse aprovado. O estudo mostra que há mais de mil pedidos para mineração nas reservas e pelo menos metade dos requerimentos é para explorar quase a totalidade da área onde vivem as tribos.

O governador Chico Rodrigues diz, porém, ver na mineração uma forma de promover o desenvolvimento das comunidades indígenas e reduzir a dependência do Estado de recursos do governo federal. "Somos uma província eminentemente mineral, com riquezas incomensuráveis. Os brasileiros precisam usufruir destas riquezas, desde que de forma extremamente ordenada para não prejudicar o ambiente."

Para Neudo Campos, a falta de regulação estimula a garimpagem clandestina. A regularização permitiria aumentar o controle sobre a produção e beneficiar os índios. "Um erro em que temos incorrido nesses cinco séculos é viver em cima da riqueza mineral e não saber aproveitar isso. Temos as maiores reservas de nióbio, manganês, plutônio, mas as comunidades indígenas vivem em uma pobreza de dar pena".

Na opinião do ex-governador, o país deveria se inspirar no modelo australiano. "Lá foi permitida a mineração com controle severo, com nota fiscal de tudo que é produzido, pagamento de impostos e de royalties para os índios."

Já Ângela Portela se diz crítica à PEC de Jucá. "Da forma como esse projeto está, não acho que seja bom para Roraima nem para os indígenas. Não posso concordar que os índios, que são os donos da terra, sejam atropelados no processo sem serem ouvidos", afirma.

Não é desprezível, contudo, a influência das mineradoras nas campanhas eleitorais. Embora a maioria das contribuições tenha sido intermediada pelo partido ou comitê financeiro, o que impede de identificar o real doador, as empresas do setor deram pelo menos R\$ 500 mil para a campanha de políticos de Roraima na eleição de 2010, segundo as prestações de contas no Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

A Votorantim doou R\$ 80 mil para Ângela Portela. Ex-mulher de Jucá, Teresa Surita (PMDB) recebeu para sua candidatura a deputada federal R\$ 200 mil da Companhia Metalúrgica Prada, subsidiária da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), que ainda deu R\$ 50 mil para o deputado estadual Rodrigo Jucá (PMDB), filho do casal. O ex-governador José de Anchieta (PSDB) obteve R\$ 90 mil da Minerpav.

Se têm divergido publicamente sobre a mineração, os candidatos concordam que as disputas em torno da Raposa Serra do Sol devem ser deixadas no passado. A demarcação da terra em área contínua levou à expulsão dos seis arroteiros que produziam na região o equivalente a 7% do Produto Interno Bruto (PIB) de Roraima na época. Os índios não continuaram a produção.

Segundo Chico Rodrigues, a maioria dos agricultores continua no Estado, produzindo em terras doadas pela União para compensar a expulsão da área demarcada.

Um dos articuladores da candidatura de Neudo Campos, o deputado estadual Brito Bezerra (PP), afirma que o grupo vai trabalhar pela aprovação da PEC 215, que prevê a revisão das terras indígenas demarcadas. Neudo Campos afirma, contudo, que não vê viabilidade de desfazer a demarcação e que é preciso alterar a legislação para permitir uma coexistência entre agricultores e os indígenas. "O que foi feito não tem volta, temos

que olhar para frente. Tem muita terra produtiva na Raposa que não é utilizada e poderíamos flexibilizar a lei para que os índios possam arrendá-la."

Ângela Portela diz que também não pretende apoiar a revisão das terras demarcadas e que vai discutir com os índios um projeto de desenvolvimento para cada região.

41-18/07/2014

DESTAQUES

Anglo American cresce

A mineradora Anglo American apresentou ontem o relatório de produção do segundo trimestre mostrando que alcançou 11,5 milhões de toneladas de minério de ferro produzido durante o período. Ante os mesmos meses de 2013, a alta foi de 2%. Em todas as principais minas que a companhia controla houve aumento no volume extraído do insumo. Além disso, a extração de impurezas ficou maior em 8%, o que ajudou a aumentar a qualidade da commodity. As exportações avançaram 1%, para 10,3 milhões de toneladas, e as vendas domésticas subiram 21%, para 1,4 milhão de toneladas.

Minério tem leve queda

O minério de ferro caiu 0,5% ontem, negociado a US\$ 97,50 por tonelada no mercado à vista da China. Foi a primeira queda em oito sessões. Em um dia de poucos novos negócios fechados no mercado físico transoceânico de minério, o preço foi pressionado por notícias de que parte das restrições ao crescimento do mercado imobiliário vão ser mantidas na China. Em média, a commodity vem sendo negociada em julho a US\$ 96,60 por tonelada, 4,2% acima da média de US\$ 92,70 por tonelada em junho. Os valores são do minério com concentração de 62% de ferro, o mais usado como referência no mercado.

42-18/07/2014

Empresa chinesa fecha acordo para explorar ferrovias no Brasil

SÃO PAULO - A visita do presidente da China, Xi Jinping, rendeu ao Brasil um acordo entre empresas dos dois países para explorar ferrovias no território brasileiro.

A China Railway Construction Corporation (CRCC) assinou com a empreiteira Camargo Corrêa um termo de acordo para estudar a formação de consórcios para disputar leilões de concessões de trechos de ferrovias.

Os estudos para o leilão já estão prontos, mas não foram levados à frente porque o governo vinha tendo dificuldades em encontrar interessados na licitação.

Outros cinco trechos de ferrovias devem ser estudados pelos chineses como potencial de investimentos no Brasil nos próximos anos.

A China tem interesse em investir em infraestrutura no Brasil para facilitar exportações de produtos brasileiros para seu território, como grãos e minério de ferro.

(Folhapress)

43-18/07/2014

ARTIGO: RECURSOS NEM TÃO NATURAIS - FOLHA DE S. PAULO

A busca do desenvolvimento econômico com base em recursos naturais tem se mostrado uma estratégia limitada quando se compara a América Latina com as industrializações mais bem-sucedidas da Ásia.

Há algumas explicações possíveis e não necessariamente excludentes de por que a abundância de terras férteis, petróleo ou minerais pode se mostrar disfuncional: uma tendência à apreciação cambial, que prejudica a competitividade da indústria de transformação, e o estabelecimento de uma cultura imediatista, que dificulta o adensamento tecnológico e de conhecimento nos processos produtivos.

Nesse sentido, um interessante contraponto é dado pelo livro "Recursos Naturais e Desenvolvimento", escrito pelos economistas João Furtado e Eduardo Urias e recentemente editado pelo Instituto Brasileiro de Mineração.

Um ponto inicial é que os recursos naturais não são um simples presente da natureza, mas uma criação humana. É o progresso técnico que tanto dá utilidade ao que existe no planeta como os torna disponíveis, desenvolvendo formas de encontrá-los e extraí-los em condições que crescentemente são mais difíceis.

Evidência disso é que o EUA, país tido por Benjamin Franklin no fim do século 18 como pobre em recursos naturais, se tornou o maior produtor mundial de minério no século seguinte. A intensa exploração de seus recursos naturais no século 19 fez suas reservas crescerem substancialmente. De forma semelhante, no Brasil, o uso de pesquisas e tecnologias ajudou a criar no cerrado uma agricultura pujante.

Uma estrutura produtiva baseada em recursos naturais não precisa ser meramente rentista, calcada apenas numa eventual facilidade de sua obtenção. Há esforços de inovação e de encadeamento industriais, casos dos bens de capital e implementos agrícolas, que podem alavancar o desenvolvimento.

Ainda assim, ao longo do último século os preços dos bens intensivos em recursos naturais caíram significativamente em relação aos dos bens industrializados.

Estabilizado o ritmo de urbanização na Europa e nos EUA, o crescimento nos países ricos foi ao longo do século 20 marcado por diversificação da oferta de bens e serviços, que são cada vez mais imateriais. Um carro ou um eletrodoméstico tem conteúdo de aço e plástico, porém mais valiosos são as tecnologias que carregam.

Entretanto, tal panorama mudou com a emergência da China e seus vizinhos, cujo crescimento é acompanhado de uma urbanização de escala sem precedentes.

Com isso, a China, que, por exemplo, no ano 2000 importava 70 milhões de toneladas de minério de ferro, equivalentes a 14% do comércio internacional, em 2008 deu um

salto para 444 milhões, quase metade das compras externas globais. Na soja, suas compras passaram de 10 milhões de toneladas para quase 60 milhões de 2000 a 2012, saindo sua fatia no mercado de menos de um quinto para quase dois terços.

Como a urbanização asiática ainda está longe de acabar, é provável que os impulsos nos preços dos recursos naturais sejam duradouros.

É verdade que um avanço de tal proporção na taxa global de urbanização traz pressões políticas, econômicas e ambientais para melhorar a eficiência de seu uso. Porém isso é mais uma alavanca que um impedimento para o desenvolvimento de inovações e de uma estrutura produtiva baseada em recursos naturais.

A conclusão do livro é que esse é um caminho melhor que tentar enfrentar a competição dos países ricos e dos emergentes asiáticos em setores altamente dinâmicos, como microeletrônica ou química fina, ou nos intensivos em trabalho. Seria mais efetivo impulsionar a diversificada indústria brasileira para inovar e incorporar conhecimento na provisão de serviços, insumos e bens de capital para as atividades voltadas para agricultura, mineração, energias renováveis e petróleo etc.

Canadá e Austrália são exemplos de países ricos que desenvolveram dinâmicos setores em recursos naturais, incluindo uma forte base industrial exportadora.

Mas esses são países de populações reduzidas. Um país populoso como o Brasil não deveria abrir mão de ter uma estrutura industrial diversificada (e competitiva).

Fonte: Folha de S. Paulo

44-18/07/2014

GOVERNO QUER APOIO DA CHINA PARA LIGAR FERROVIA AO PACÍFICO PELO PERU

BRASÍLIA - O governo federal quer, em parceria com os empreendedores chineses, conectar o Brasil por meio de ferrovia até o Pacífico. Entre os 32 atos assinados nesta quinta-feira entre os dois países, por ocasião da visita do presidente chinês Xi Jinping, um deles prevê a cooperação entre o Ministério dos Transportes e a Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma (CNDC) para elaboração de projetos ferroviários e capacitação de trabalhadores, principalmente no projeto da ferrovia Transoceânica.

Parte dessa ferrovia, que futuramente poderá chegar até o litoral do Peru, deverá ser leiloadada ainda este ano e ter como um forte concorrente o consórcio formado pela brasileira Camargo Corrêa e pela China Railway Construction Company (CRCC), que firmaram acordo para atuar no setor, conforme revelou a edição do GLOBO de hoje. Elas deverão concorrer no leilão do trecho entre Lucas do Rio Verde (MT) e Campinorte (GO), com 883 quilômetros e valor de investimento estimado em US\$ 2,3

bilhões pelo Ministério. É exatamente essa a Transoceânica, mas o leilão refere-se a só um pequeno trecho dela.

O acordo assinado entre os governos de Brasil e China hoje resultou em uma declaração conjunta com o Peru para avaliar a viabilidade da conexão ferroviária Transcontinental entre Brasil e Peru, informou o ministério. Essa ferrovia poderia encurtar significativamente o caminho marítimo que a carga agrícola e mineral produzida no interior do Brasil trafega pelo mar até a China.

- Para o governo brasileiro, o projeto mais importante, de longo prazo, é a ferrovia Transoceânica, que terá 5,3 mil km, dos quais 2,9 mil km passando pelo Brasil. A ferrovia será construída em seis anos e permitirá a redução de US\$ 30 do preço da tonelada de grãos exportada - disse um ministro brasileiro.

Entre os 32 atos assinados entre as autoridades de Brasil e China nesta quinta-feira, houve também a formalização de parcerias no setor de energia elétrica. A Eletrobras, por exemplo, já era sócia da State Grid na construção do linhão de transmissão de Belo Monte e as empresas emitiram a ordem de serviço para o empreendimento. O consórcio formado pela Eletrobras e pela State Grid venceu o leilão da linha de transmissão de Belo Monte, feito pela Agência Nacional de energia Elétrica (Aneel) no dia 7 de fevereiro de 2013. O Acordo de Cooperação estabelece que as empresas vão compartilhar experiências sobre a construção, operação e gerenciamento de rede elétrica na usina, com apoio mútuo ao projeto nas áreas de recursos humanos, recursos financeiros e tecnológicos.

Os presidentes da Eletrobras, José da Costa, e do Conselho de Administração da State Grid Corporation of China (SGCC), Liu Zhenya, assinaram o acordo.

Furnas, subsidiária da Eletrobras, oficializou sociedade com a Three Gorges Corporation e a CWEI Brasil, de raízes chinesas, para promover investimentos relacionados à usina de São Manoel, no rio Teles Pires, entre Mato Grosso e Pará, e projetos para participarem da futura licitação da hidrelétrica do rio Tapajós.

O acordo com a Cwei Brasil prevê que a empresa passará a fazer parte da Sociedade de Propósito Específico (SPE) encarregada de implantar a usina de São Manoel, localizada no Rio Teles Pires, na fronteira entre Mato Grosso e Pará. A Cwei Brasil possui 21,35% das ações da Energias de Portugal (EDP), sócia de Furnas na SPE.

Fonte: O Globo

45-18/07/2014

MINERADORA ANGLO AMERICAN TEM NOVOS DIRETORES

Como parte da integração dos negócios Níquel, Nióbio e Fosfatos, a Anglo American anuncia a chegada de dois novos diretores. Fernando Rezende assume a diretoria de

Operações de Fosfatos. O profissional é engenheiro mecânico, formado pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG) e possui MBA em Gestão Empresarial pela FGV.

Rezende atua na área de mineração há mais de 30 anos, acumulando experiência em operações de ouro, níquel e zinco, tendo passado por funções técnicas e executivas em empresas do setor, como AngloGold Ashanti, Rio Tinto e Votorantim Metais. Na Anglo American, o novo diretor será responsável pelas operações de fosfatos, utilizados como insumo nas indústrias de fertilizantes e alimentação animal, entre outras.

A área Técnica e de Segurança, Meio Ambiente e Saúde Ocupacional dos Negócios Níquel, Nióbio e Fosfatos recebe Renier Swart como seu novo diretor. Swart é formado em Engenharia Metalúrgica pela Universidade de Joanesburgo, Administração pela Universidade de Pretoria e Gerenciamento de Riscos pela Universidade de Queensland.

O diretor dá sequência no Brasil à sua trajetória de cerca de 11 anos em operações da Anglo American na África do Sul e Namíbia, além de experiência diversificada no mundo da mineração, incluindo gestão de produção, operações metalúrgicas, gestão de riscos e também desenvolvimento sustentável.

A Anglo American plc. (www.angloamerican.com.br) é uma das maiores companhias de mineração do mundo, com sede no Reino Unido e ações negociadas nas bolsas de Londres e Joanesburgo. Seu portfólio de negócios atende às diferentes necessidades dos clientes e abrange commodities de alto volume - minério de ferro e manganês; carvão metalúrgico e carvão mineral; metais básicos e minerais - cobre, níquel, nióbio e fosfatos; e metais e minerais preciosos - nos quais é líder global em platina e em diamantes.

A empresa atua no Brasil desde 1973 e hoje está presente no País com quatro produtos: minério de ferro, com o Minas-Rio, um dos maiores projetos de exploração de minério de ferro em desenvolvimento no mundo; níquel, com operações nos municípios de Barro Alto e Niquelândia, em Goiás; fosfato, com as operações nos municípios de Ouvidor (GO), Catalão (GO) e Cubatão (SP), e nióbio, presente nos municípios de Catalão e Ouvidor, em Goiás.

Fonte: Assessoria de Imprensa da Anglo American

46-18/07/2014

PERU PASSA DE COADJUVANTE A NOVA ESTRELA DOS ANDES

Com uma economia aberta e estabilizada, o Peru emerge como um dos países mais dinâmicos do continente e se transforma em um polo de oportunidades para empresas brasileiras

Palco de guerra civil, ditadura, hiperinflação e pobreza, o Peru desempenhou, até o fim do século passado, o papel de mero coadjuvante entre as economias da América Latina.

Nos últimos anos, porém, a adoção de um modelo de livre mercado, com menos barreiras comerciais, mais proteção ao investidor estrangeiro e uma série de acordos bilaterais, permitiu ao país andino virar a página e entrar em um inédito período de prosperidade.

Com crescimento médio de 7% ao ano de 2003 a 2013, o Peru se transformou em um dos mercados mais dinâmicos do continente, atraindo a atenção de empresas brasileiras. Em dez anos, o número de companhias brasileiras no Peru subiu de seis para 70.

Primeiras a se aventurar por lá, nos anos 70 e 80, construtoras como Camargo Corrêa, Andrade Gutierrez, Queiroz Galvão e Odebrecht ainda protagonizam os principais negócios em um país carente de infraestrutura, mas outros setores, como mineração, despontam entre as novas oportunidades oferecidas pelo Peru.

Por ironia, as mudanças que permitiram a emergência da economia peruana foram deflagradas por Alberto Fujimori, presidente do país de 1990 a 2000.

Apesar de romper com a Constituição para se manter no poder em uma ditadura que desmoralizava após diversos escândalos de corrupção, Fujimori conseguiu controlar a inflação, desmantelar grupos guerrilheiros que atuavam no campo, como o Sendero Luminoso, e reduzir a atuação do Estado na economia.

Com isso, o país atraiu grandes investimentos de grupos mineradores estrangeiros, como a anglo-suíça Glencore Xstrata — que se instalou no país no fim dos anos 90 para aproveitar os custos 40% mais baixos da mineração peruana em relação à média mundial.

Um ponto que favorece os peruanos, além da abundância dos recursos minerais, é o custo da mão de obra. “O Peru é um dos países mais baratos do mundo na área do trabalho”, diz Lia Valls, economista da Fundação Getúlio Vargas. Outro atrativo, em especial para empresas exportadoras, é um acordo bilateral que o Peru assinou com a China em 2009.

Pelo pacto de livre comércio, uma série de produtos que saem do território peruano pode entrar na China livre de impostos. Os peruanos firmaram acordos similares com o Japão, a Coreia do Sul e os Estados Unidos.

Para o Brasil, o impulso inicial aos negócios com o vizinho ocorreu em 2003, quando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o então líder peruano Alejandro Toledo assinaram uma aliança estratégica. O acordo permitiu que empresas brasileiras com

subsidiárias no Peru, e vice-versa, deixassem de sofrer dupla tributação.

Foi o sinal verde para que companhias como as mineradoras Vale e Votorantim Metais e a siderúrgica Gerdau investissem na aquisição de operações locais.

“Durante cinco séculos, os dois países estiveram de costas um para o outro, mas essa relação mudou radicalmente na última década”, diz Paulo Pantigoso, consultor da empresa Ernst & Young em Lima que acompanha o desenvolvimento da parceria.

De acordo com dados da ProInversión, agência peruana de promoção comercial, o volume de investimentos diretos dos brasileiros no Peru era de irrisórios 46 milhões de dólares em 2003. Dez anos depois, atingiu 1,2 bilhão — o Brasil é o quinto país que mais investe no Peru.

Esse valor tende a aumentar, já que o governo peruano começou a tirar do papel alguns grandes projetos de infraestrutura, como trechos da rodovia Transoceânica, que liga o Brasil ao Pacífico, a primeira linha do metrô de Lima e a usina hidrelétrica de Chaglla, na região central do país.

Segundo estimativas oficiais, o Peru precisa investir 88 bilhões de dólares nos próximos dez anos para superar o atraso em áreas como transporte, energia, comunicação e saneamento. Cerca de 19 bilhões de dólares em projetos de parceria público-privada estão na lista de licitações que devem ser lançadas até meados de 2016.

“O rol de oportunidades no Peru é praticamente o mesmo do Brasil, mas o ambiente ali é mais estável, sem as mudanças nas regras que são comuns no nosso país”, afirma Felipe Lima, presidente da Promon Engenharia, uma das mais recentes companhias brasileiras a cruzar a fronteira com o Peru.

Com um escritório inaugurado há dois meses em Lima, a Promon pretende disputar os bilhões de dólares que deverão ser destinados aos setores de construção civil e geração de energia.

Na área de consumo, empresas como Ambev (bebidas), Natura (cosméticos), H. Stern (joias) e Azaleia (calçados) investem na venda de seus produtos por lá de olho no crescimento da classe média peruana, que dobrou de tamanho em duas décadas — de 25% da população em 1990 para mais da metade dos 30 milhões de peruanos no fim do ano passado.

Atraídos por esse potencial, os bancos brasileiros de investimento Itaú BBA e BTG Pactual abriram escritórios em Lima nos dois últimos anos.

Para manter o vigor da economia, um dos desafios do Peru é diversificar as atividades, hoje concentradas na extração de cobre, zinco e ouro.

Esse setor responde por 14% do PIB e 55% das exportações do país.

No ano passado, quando a China reduziu a produção industrial e importou menos metais, as receitas de exportações do Peru caíram 12%.

Segundo alguns especialistas, a busca por novos negócios passa pelo turismo.

Com um programa de incentivo que captou 2 bilhões de dólares para investimentos em infraestrutura e promoção do turismo, o setor atingiu no ano passado o recorde de 3,2 milhões de visitantes estrangeiros, que geraram 3,6 bilhões de dólares em divisas, três vezes a cifra de uma década atrás.

Um dos melhores símbolos do potencial do turismo, negócio que inclui hotelaria e gastronomia, foi a escolha, em 2013, do restaurante limenho Astrid y Gastón como vencedor do ranking dos 50 melhores restaurantes da América Latina, organizado pela revista inglesa Restaurant.

O Astrid y Gastón ficou à frente do brasileiro D.O.M., que era apontado como favorito ao título.

Outro desafio para os peruanos —talvez o maior de todos— é a redução da pobreza. Na zona rural e nas encostas dos Andes mais da metade da população ainda vive abaixo da linha de pobreza. Os 6 000 dólares de PIB per capita anual dos peruanos é um indicativo do longo caminho que ainda falta trilhar — esse valor é metade da média brasileira.

“A transformação social é algo que está claramente em curso no Peru, mas precisa continuar intensamente por mais duas ou três décadas”, diz Susan Segal, presidente da Americas Society and Council of the Americas, órgão sediado nos Estados Unidos que monitora a evolução social dos países latino-americanos.

“Investir em novas oportunidades de negócios é o melhor a fazer nessa direção.” Está aí uma recomendação que vale também para o Brasil.

Fonte: Revista Exame

47-18/07/2014

PRODUÇÃO DE NÍQUEL DA ANGLO AMERICAN NO BRASIL CRESCE 25% NO 2º TRIMESTRE

A mineradora Anglo American produziu 10,6 mil toneladas de níquel no Brasil no segundo trimestre do ano, alta de 25 por cento frente ao mesmo período de 2013, informou a mineradora nesta quinta-feira.

Segundo a empresa, o avanço foi impulsionado por uma melhoria da estabilidade operacional em Barro Alto (GO), que produziu 8,6 mil toneladas, alta de 41 por cento na mesma comparação.

Já a planta localizada em Niquelândia (GO) produziu 2 mil toneladas de níquel no segundo trimestre. No negócio fosfatos, a Anglo American produziu 275,7 mil toneladas de fertilizantes nas plantas de Catalão (GO) e Cubatão (SP).

No Brasil, a multinacional Anglo American tem operações de níquel, nióbio e fosfatos.

Fonte: Reuters

48-18/07/2014

BRICS: US\$100 bilhões como alternativa

Os BRICS decidiram criar um banco para o seu desenvolvimento que será uma excelente alternativa na busca de capital e no desenvolvimento dos participantes.

O banco será baseado em Xangai e terá um capital inicial de US\$100 bilhões. Na fase inicial os cinco países irão aportar US\$10 bilhões cada. Espera-se que o banco comece a fazer os seus primeiros empréstimos já em 2016.

Esses fundos deverão financiar importantes projetos de infraestrutura, mineração e energia além de aumentar o poder de barganha dos BRICS no cenário mundial.

Fonte: www.geologo.com.br

49-18/07/2014

Seme realizará série de oficinas para elaboração do Plano de Mineração do Maranhão

A Secretaria de Estado de Minas e Energia (Seme) inicia nesta sexta-feira (18), pelo município de Bacabeira, uma série de oficinas temáticas, audiências públicas e seminários que irão subsidiar o “Diagnóstico do Setor Mineral do Maranhão: Levantamento de Cadeias Produtivas e Plano de Ações”. Esse esforço tem como objetivo a elaboração do Plano de Mineração do Maranhão 2030.

A proposta, com essas discussões é provir o Estado das informações geológicas, minerais, logísticas, de recursos humanos, sobre o arcabouço institucional e resíduos

sólidos, produzidos pela mineração. “Esse é um trabalho fundamental de levantamento da cadeia produtiva mineral, com ênfase para os bens minerais importantes para a economia local/regional e das reservas e consumo para futuros empreendimentos industriais ou agrícolas.”, destacou o secretário de Minas e Energia, Ricardo Guterres, que participará das oficinas.

Na elaboração do Plano de Mineração do Maranhão 2030, a Seme firmou convênio com o Ministério de Minas e Energia, que assegurou recursos no valor de R\$ 522.300,00, sendo R\$ 52.000,00 de contrapartida estadual. O prazo de conclusão do plano é fim de dezembro deste ano.

“Diante do potencial do estado, vislumbram-se promissores horizontes para o crescimento da produção mineral nos próximos anos, atendendo a uma demanda crescente provocada pelo desenvolvimento agrícola, incluindo cana de açúcar, eucalipto, além do setor siderúrgico, da mineração propriamente dita e da construção civil, que exerce uma forte demanda por areia, argila e brita, principalmente nos centros próximos destes importantes polos de desenvolvimento”, assinalou Ricardo Guterres.

A primeira oficina acontece nesta sexta-feira (18), em Bacabeira, e terá como tema central a brita, bem mineral da maior importância para o município. O ciclo de oficinas será realizado ainda este mês em Grajaú (dia 21) com a temática Gipsita; em Godofredo Viana (dia 25), sobre ouro. Em agosto estão programadas oficinas em Balsas (dia 1o) sobre calcário; em Itapecuru-Mirim (dia 8) sobre argila; em São José de Ribamar (dia 18), com a temática da água mineral; e em Imperatriz (dia 25), sobre Saibro, Cascvalho e Laterita.

A Seme informou que no mês de outubro serão realizadas audiências públicas e seminários nos municípios de Imperatriz e São Luís.

Fonte: O Quarto Poder

50-18/07/2014

Ouro: vendedor misterioso coloca mais de US\$2,6 bilhões à venda e faz ouro cair

Grandes vendas de ouro fizeram a onça do metal despencar de US\$1345 para US\$1298. Somente ontem a ordem de venda foi superior a 1,3 bilhões de dólares o que assustou, mais ainda, o mercado que já anda sobressaltado...

Para piorar as coisas, a ordem de venda a futuro, colocada hoje, foi de 2,3 bilhões de dólares. Ninguém ainda sabe quem é o misterioso vendedor, mas acredita-se que seja somente um. Talvez um banco europeu tentando salvar o Banco Espírito Santo de Portugal que está correndo sérios riscos de quebra? Talvez um grande investidor realizando lucros...

Não se sabe o que vai acontecer amanhã...mas se novas vendas de grande volume ocorrerem talvez o ouro perca a “gordura” acumulada no período e volte aos US\$1250/Oz

Fonte: www.geologo.com.br